

# Nas pegadas de um gênero - "Não temas!" na tradição da Guerra Santa \*

Dr. Nelson Kirst

## I. Introdução: "Não temas!" no Antigo Testamento

### A. Observações preliminares

"Não temas!" — eis uma expressão com que todos deparamos com certa freqüência na leitura do Antigo e do Nôvo Testamento. Conhecemo-la de textos como: "Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu" (Is 43,1) ou, do Nôvo Testamento, "Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus" (Lc 1,30). É tão amplo o emprêgo desta expressão, não só no Antigo e no Nôvo Testamento mas também em textos orientais extra-israelitas, que compensa uma investigação mais detalhada. Na presente exposição, examinaremos em breves traços o uso de "Não temas!" em todo o Antigo Testamento, para em seguida dedicarmo-nos com mais atenção ao seu emprêgo na tradição da Guerra Santa, onde apresenta características bem particulares.

No Antigo Testamento, a intenção de um "Não temas!" é geralmente afastar o temor, alentar, estimular, incentivar. Nesse sentido empregaremos a partir de agora, para simplificar a exposição, o termo "incentivo" para designar o dito "Não temas!". Êste dito, que aparece 70 vêzes no Antigo Testamento, distribuído de maneira mais ou menos representativa através dos mais variados complexos literários,<sup>1</sup> raríssimas vêzes se apresenta como uma fórmula pura e simples. Na esmagadora maioria dos casos,

---

1 Gn 15,1b; 21,7a"-18; 26,24; 35,17b; 43,23a; 46,3-4; 50,19-21a; Ex 14,13-14; 20,20; Nm 14,9; Dt 1,21b". 29b-31; 3,2 (Nm 21,34). 22; 7,18-19; 20,1a"b. 3b-4; 31,6. 8; Js 8,1-2; 10,8. 25a"b; 11,6; Jz 4,18a; 6,23; I Sm 4,20a"; 12,20-22; 22,23; 23,17; 28,13a; II Sm 9,7; 13,28; I Rs 17,13-14; II Rs 1,15a"; 6,16; 19,6b-7 (Is 37 6b-7); Is 7,4-9; 10,24a"-27a; 35,4a"b; 40,9; 41,8-13. 14-16; 43, 1b-4. 5-7; 44,2b-5; 51,7b-8; 54,4-6; Jr 1,8; 10,5b; 30,10-11 (46,27-28); 40,9a"b (II Rs 25,24a"b); 42,11-12; Ez 2,6; 3,9b; Jl 2,21. 22; Sf 3,16a""; 18a'; Ag 2. 4-5; Zc 8,9-13. 14-15; Sl 49,17-18; Rt 3,11; Lm 3,57b; Dn 10,12. 19a; Ne 4,8a"b; I Cr 22,13b; 28,20; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a.

---

\* Preleção de estréia do catedrático de Antigo Testamento na Faculdade de Teologia, 2º semestre de 1970.

a fórmula de incentivo, "Não temas!", se encontra incorporada a uma unidade maior, bem definida e estruturada, composta de elementos bem determinados, que de uma forma ou de outra se encontram relacionados a ela. É esta unidade maior, com toda sua estrutura, que temos em mente, ao falarmos do incentivo.

A estrutura das unidades de incentivo varia muito. Apesar desta sua grande variação, porém, há uma estrutura básica, que é fundamental para qualquer unidade de incentivo: fórmula de incentivo — ("ki") — fundamentação. Onde não houver esta estrutura, não se pode falar de uma unidade de incentivo. Exemplos desta estrutura básica: II Rs 6,16 ou, sem "ki", Gn 43,23a.

Esta estrutura básica pode ser ampliada em diversos sentidos, pelo acréscimo de outros elementos. Um dos mais frequentes é o "objeto", que geralmente se segue à fórmula de incentivo e indica o motivo, a fonte do temor. Exemplo: Dt 3,22. Outro elemento que se apresenta com certa freqüência é a "combinação". Trata-se, aqui, de verbos com um sentido paralelo ao de "ir", que são combinados com a fórmula "Não temas!", com o intuito de enfatizá-la. Exemplo: II Cr 32,7-8a. Um elemento bem menos freqüente é a "interpelação". Ela geralmente ocorre em ligação estreita com a fórmula de incentivo e designa os interpelados pelo nome ou por outra caracterização qualquer. Exemplo: Gn 15,1b. Em quase um quarto das unidades é adicionada uma "ordem" ao incentivo. Exemplo: Ne 4,8a 'b. Finalmente há ainda diversos elementos secundários e de menor importância, que por vezes se mesclam com a unidade, tais como: alusões à situação, estímulos, argumentos etc.

Como veremos a seguir, não há um emprêgo determinado e uniforme do incentivo "Não temas!", no Antigo Testamento. O que se nos apresenta é um uso variado em diversos setores e tradições da vida veto-testamentária. É isso o que examinaremos rapidamente, a seguir, antes de entrarmos no estudo do incentivo na tradição da Guerra Santa.

### B. "Não temas!" na vida cotidiana

Em onze dos 70 textos verificamos um emprêgo profano e cotidiano do incentivo "Não temas!": Gn 35,17b; 43,23a; 50,19-21a; Jz 4,18a; I Sm 4,20a ''; 22,23; 23,17; 28,13a; II Sm 9,7; 13,28; Rt 3,11. Um exame cuidadoso desses textos leva ao seguinte resultado:

O Antigo Testamento testemunha que, na época compreendida aproximadamente entre os séculos X e VIII (provavelmente, porém, entre os séculos XII e VI), o incentivo "Não temas!" era proferido em determinadas situações cotidianas da vida israelita. Trata-se de dois tipos de situação:

- a) Se, por qualquer motivo, se alterava a relação entre duas

pessoas (ou um grupo e uma pessoa), de modo que a parte mais fraca tivesse motivos de temer a mais forte, podia esta, através de um incentivo, tirar o medo ao mais fraco e restabelecer com isso a relação alterada. Na fundamentação desses incentivos, o seu autor alude a si próprio, especialmente à sua boa-vontade, à sua atitude benevolente. Os textos: Gn 43,23a; 50,19-21a; I Sm 28,13a; II Sm 9,7; Rt 3,11.

b) Se uma pessoa ou um grupo se encontrava numa situação, em que temia uma terceira instância, podia outra pessoa falar-lhe na forma de um incentivo. Se o autor do incentivo não tinha possibilidades de desviar o fator atemorizante, o seu incentivo significava apenas consôlo, encorajamento, mas não tinha poder de afastar o temor. Em outros casos, o incentivo era poderoso e significava realmente eliminação do medo. Isso acontecia quando o autor do incentivo apontava para uma instância mais poderosa ou para si próprio, caso estivesse em condições de desviar o perigo. Os textos: Gn 35,17b; Jz 4,18a; I Sm 4,20 a"; 22,23; 23,17; II Sm 13,28.

### C. "Não temas!" nas auto-manifestações de Javé

Sete textos representam este setor, no qual tratamos de incentivos proferidos diretamente a uma pessoa por Javé ou por seu mensageiro: Gn 15,1b; 21,17a''-18; 26,24; 46,3-4; Jz 6,23; Dn 10,12. 19a. Após um exame detalhado dos textos, constata-se aqui o seguinte:

O Antigo Testamento revela que se conhecia, em Israel, incentivos da boca de Javé ou de seu mensageiro, conforme se verifica em escritos, que vão desde a época de Davi e Salomão (provavelmente até desde o Período dos Juízes) até o séc. II. Se uma pessoa, que já se encontrava numa relação especial com Javé (patriarcas, Hagar, Gideão, Daniel) se encontrava numa situação de temor diante de uma terceira instância (perigo de vida do filho, emigração para o Egito) ou diante de Deus ou de seu mensageiro (Gideão e Daniel), podia ouvir o incentivo dito por Deus ou por seu mensageiro. No primeiro caso, o "Não temas!" significava eliminação do temor. No segundo caso, ele restabelecia a relação alterada entre homem e Deus.

### D. "Não temas!" na tradição profética

#### 1. Deuteroisaias

Dentre os profetas, Dti é o único que emprega o incentivo de maneira uniforme. Isso acontece nos seguintes oito textos: Is 40,9; 41,8-13. 14-16; 43,1b-4. 5-7; 44, 2b-5; 51,7b-8; 54,4-6. O exame desses incentivos leva-nos ao seguinte resultado:

Receptor dos incentivos de Dti é o povo israelita, que se encontra no exílio babilônico. Dti emprega o incentivo em textos que, pela sua estrutura e pelo seu conteúdo, são formulados de acordo com os oráculos de atendimento proferidos no âmbito do culto pelo sacerdote, em resposta à lamentação do indivíduo. Percebe-se que a fórmula de incentivo, "Não temas!", constitui um elemento essencial e imprescindível dos oráculos de atendimento conhecidos por Dti, que eram formulados na forma de uma unidade de incentivo.<sup>2</sup>

## 2. Os demais profetas

Entre os demais profetas, o incentivo aparece num total de 19 textos: I Rs 17,13-14; II Rs 1,15a''; 6,16; 19,6b-7 (Is 37, 6b-7); Is 7,4-9; 10,24a''-27a; 35,4a''b; Jr 1,8; 10,5b; 30,10-11 (46,27-28); 42,11-12; Ez 2,6; 3,9b; Jl 2,21.22; Sf 3,16a'''-18a'; Ag 2,4-5; Zc 8,9-13. 14-15. Alguns desses textos apresentam características formais e de conteúdo semelhantes às de Dti,<sup>3</sup> sem que, no entanto, se possa estabelecer um elo histórico-tradicional entre os mesmos. No mais, encontramos incentivos de toda espécie nos livros proféticos. Seu emprêgo é a tal ponto diferenciado e arbitário que não se pode estabelecer relação de espécie alguma entre eles. Os textos mencionados abrangem o período entre o séc. (IX) VIII e VI.<sup>4</sup>

## II. Avaliação geral

### A. Observações preliminares

No âmbito da tradição da Guerra Santa vamos encontrar um dos maiores grupos de incentivos do Antigo Testamento. Nada menos de 18 textos se apresentam neste setor: Ex 14,13-14; Nm 14,9; Dt 1,21b''. 29b-31; 3,2 (Nm 21,34). 22; 7,18-19; 20,1a''b. 3b-4; 31,6. 8; Js 8,1-2; 10,8. 25a''b; 11,6; Ne 4,8a''b; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a.

- 2 Cumpre salientar, porém, que o mesmo não é válido para o oráculo de atendimento em geral, encontrado no AT, pois a maior parte de tais oráculos fora de Dti (Jr 15,19-21; Sl 12,6; 60,8-10; (cf 85,9-14); 91,14-16) não apresenta a fórmula de incentivo. Assim sendo, o "Não temas!" deve ser encarado como terminus technicus dos oráculos de atendimento de Dti, não, porém, deste gênero no todo do AT.
- 3 II Rs 19,6b-7 (Is 37,6b-7); Is 10,24a''-27a; Jr 20,10-11 (46,27-28); Is 35,4a''b e Sf 3,16a'''-18a'.
- 4 Além dos textos mencionados até aqui, mais os que pertencem à tradição da Guerra Santa, existem outros sete, que não podem ser enquadrados em nenhum dos setores mencionados. São eles: Ex 20,20; I Sm 12,20-22; Jr 40,9a''b (II Rs 25,24a''b); Sl 49,17-18; Lm 3,57b; I Cr 22,13b; 28,20. Por carecerem de maior relevância podemos ignorá-los no breve espaço deste artigo.

Há um fator decisivo, que destaca os incentivos da tradição da Guerra Santa e os faz sobressair dentre todos os demais: é a sua grande uniformidade, no tocante à situação em que são empregados, à sua forma e à sua terminologia e conteúdo. Esta uniformidade permite-nos tirar conclusões, para as quais não havia base suficiente nos outros setores. A seguir, empreenderemos uma avaliação geral dos incentivos acima mencionados, no tocante à sua situação, forma, terminologia e conteúdo. Esta avaliação se baseia num exame minucioso de cada um dos textos, que no entanto não pode ser exposto aqui.

### B. Situação

Ao examinarmos a situação desses incentivos, temos que procurar responder às seguintes perguntas: Em que circunstâncias foi dito o incentivo? Qual é a origem do temor? Quem é o autor do incentivo? Quem é o receptor do incentivo?

Em todos os incentivos mencionados, o temor se origina do conflito com o inimigo. Geralmente, trata-se de um conflito próximo, iminente, com um inimigo atacante ou um inimigo a ser atacado: Ex 14,13-14; Dt 3,2 (Nm 21,34); 20,1a''b. 3-4; Js 8,1-2; 10,8; 11,6; Ne 4,8a''b. No entanto, o incentivo também pode ocorrer no dia anterior ao conflito (II Cr 20,15b-17) ou com uma antecedência indefinida (Dt 7,18-19; Js 10,25a''b; II Cr 32,7-8a). Em seis textos, o "Não temas!" é proferido antes da Tomada da Terra, tendo em vista a invasão da terra cultivada. Nesses casos, o temor não procede do conflito imediato com um determinado inimigo, mas de um conflito em potencial, mais ou menos provável, com os habitantes da terra: Nm 14,9; Dt 1,21b''. 29b-31; 3,22; 31,6. 8.

Em Js 10,25a''b e Dt 3,22 deparamos com uma situação incomum. Estes incentivos são proferidos logo após uma vitória e o próximo conflito, ao qual se referem, se encontra num futuro distante e indefinido. Aqui trata-se, portanto, de "incentivos globais", que se apoiam na vitória recém obtida e se referem aos possíveis conflitos que ocorrerão no futuro.

São diversos os autores desses incentivos. O "Não temas!" pode ser proferido pelo próprio Javé — Dt 3,2 (Nm 21,34); Js 8,1-2; 10,8; 11,6 — ou outras pessoas dotadas de especial autoridade, como: Moisés — Ex 14,13-14; Dt 1,21b''. 29b-31; 3,22; 31,6. 8-, Josué — Nm 14,9, com Calebe; Js 10,25a''b-, o sacerdote — Dt 20, 1a''b. 3-4; II Cr 20, 15b-17, levita —, o pregador deuteronomico — Dt 7,18-19 —, Neemias — Ne 4,8a''b — ou o rei — II Cr 32,7-8a.

O receptor dos incentivos é, na maioria dos casos, o povo: Ex 14,13-14; Nm 14,9; Dt 1,21b''. 29b-31; 7,18-19; 20,1a''b. 3-4; 31,6; Ne 4,8a''b; II Cr 20,15b-17. Mas mesmo nos outros textos, em que uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas recebe o

incentivo, o povo é que vale implicitamente como receptor, já que a questão o atinge diretamente. Essas pessoas são sempre líderes ou representantes do povo: Moisés (Dt 3,2 (Nm 21,34)), Josué (Dt 3,22; 31,8; Js 8,1-2; 10,8; 11,6), oficiais militares (Js 10, 25a"b; II Cr 32,7-8a e Ne 4,8a"b).

Se tentarmos ir mais a fundo, para descobrir as condições mais específicas reinantes por ocasião da proclamação do "Não temas!", verificamos que os textos nos fornecem pouca informação. Na maioria dos casos tem-se a impressão de que os incentivos foram ditos de improviso, e não dentro de um esquema prestabelecido. Um tal esquema transparece em apenas três textos: em Ne 4,8a"b e II Cr 32,7-8a deparamos com uma assembléia do povo sem características especiais, e em II Cr 20,15b-17 temos uma cerimônia de lamentação do povo, bem organizada e estruturada, como moldura para o incentivo. Fora disso, os textos não proporcionam informação alguma.

### C. Forma

Examinando o contexto formal dos incentivos da Guerra Santa, percebemos que eles geralmente aparecem como unidades autônomas. No entanto, em oito dos 18 casos, o incentivo representa uma unidade dentro de uma alocação maior. Cinco desses incentivos pertencem à tradição da Tomada da Terra: Nm 14,9; Dt 1,21b"; 3,22; 31,6. 8. Os outros três são empregados como componentes de uma "alocação de guerra" deuteronomica: Dt 7, 18-19; 20,1a"b. 3-4. Se considerarmos que todos esses incentivos circundados por um discurso maior são empregados de modo ilegítimo,<sup>5</sup> chegamos à conclusão de que em sua forma original o incentivo na Guerra Santa sempre foi uma unidade autônoma.

A estrutura formal de todas essas 18 unidades é surpreendentemente uniforme. A estrutura básica aparece em 17 incentivos, o objeto em 13, a combinação em 9, a ordem em 5 e a interpelação em dois. Também a posição dos elementos dentro da estrutura quase não varia. Via de regra, o esquema formal do incentivo neste setor é o seguinte: fórmula de incentivo — combinação — objeto — "ki" — fundamentação — (ordem).

Apesar de sua rigidez, esta estrutura dá margem a uma certa liberdade. Esta liberdade se expressa especialmente nas fundamentações, que quase sempre são ampliadas das mais diversas maneiras. Na fundamentação, se lança mão de diversas concepções e expressões arraigadas na tradição da Guerra Santa, as quais são manipuladas e combinadas ao bel prazer. Exemplos de fundamentações amplificadas: Dt 20,3b-4; 31,6 e II Cr 32,7-8a. Exem-

---

5 Trata-se de textos que não pressupõem uma situação de guerra concreta, real, imediata, mas apenas possível (Tomada da Terra) ou hipotética ("alocação de guerra" deuteronomica).

plos de fundamentações especialmente breves: Dt 3,22 e Js 11,6. Os outros elementos, principalmente a ordem, também permitem uma certa variação.

É isso o que se pode dizer sôbre a estrutura formal.<sup>6</sup> É impressionante verificarmos como essa estrutura se manteve estável e inalterada durante pelo menos sete séculos, em escritos e documentos tão variados: J, "compilador",<sup>7</sup> Dt, P, Dtr, redação posterior de Dtr, Neemias e Cr. Sob êste ponto de vista — conservação da estrutura formal — o incentivo, tal como é empregado na tradição da Guerra Santa, dificilmente encontrará similar em qualquer dos gêneros do AT.

#### D. Terminologia e conteúdo

Mas a uniformidade dêsses incentivos não abrange apenas a situação e a forma. Ela se expressa também com tôda a evidência na terminologia empregada e nos pensamentos e concepções que se expressam através desta terminologia. O conteúdo do incentivo deve ser procurado nos elementos formais que chamamos de fundamentação e ordem, uma vez que os outros elementos não são mais que meras fórmulas, contendo um mínimo de variação. Há dez expressões, que se repetem constantemente nos incentivos:

- 1 — Javé é conosco (contigo) — Nm 14,9; Dt 20,1a''b. 3b-4; 31,6. 8; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a
- 2 — Javé pelejará por vós (ti) — Ex 14,13-14; Dt 1,29b-31; 3,22; 20,3b-4; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a
- 3 — Eu dou... na tua mão — Dt 3,2; Js 8,1-2; 10,8; 11,6
- 4 — Javé vai (diante de vós) convosco — Dt 1,29b-31; 20,3b-4; 31,6. 8
- 5 — Ações passadas de Javé são mencionadas como garantia — Dt 1,29b-31; 7,18-19; 20,1a''b; Is 10,25a''b; (Ne 4,8a''b)
- 6 — O "auxílio" de Javé — Ex 14,13-14; Dt 20,3b-4; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a
- 7 — a) assim Javé fará... — Dt 7,18-19; Js 10,25a''b  
b) faze(-lhe) como... — Dt 3,2 (Nm 21,34); Js 8,1-2

---

6 Nm 14,9; Dt 31,8; Js 8,1-2 e II Cr 20,15b-17 constituem exceções de pequena importância.

7 Nome dado por Noth, Das Buch Josua, HAT I/7, 2.<sup>a</sup> ed., Tübingen 1953, pág. 12s, ao autor da forma literária mais antiga do complexo que ainda se verifica principalmente em Js 5,1; 6,27; 9,3. 4a'; 10,2. 5. 40-42; 11,1. 2. 16-20.

8 — Atividade de Javé e passividade do povo, na luta — Ex 14, 13-14; II Cr 20,15b-17

9 — Ele não te deixará, nem te desampará — Dt 31,6. 8

10 — A sua proteção / a nossa proteção — conosco / com eles — Nm 14,9; II Cr 32,7-8a.

Com exceção de Dt 1,21b”, onde temos uma simples abreviação, todos os incentivos da Guerra Santa estão representados nesta relação. Isto significa que tôdas as unidades de incentivo neste setor contam com pelo menos uma, geralmente com duas até quatro dessas expressões relacionadas acima.

Essa uniformidade se torna ainda mais evidente se repararmos que só seis dos dezoito incentivos apresentam pequenas particularidades, que não se encontram nos demais.<sup>8</sup> A uniformidade do conteúdo é, portanto, não menos surpreendente que a uniformidade da estrutura formal.

Como vimos, a fundamentação desses incentivos se refere, em todos os casos, ao auxílio de Javé. Na grande maioria dos casos, isso significa auxílio militar. Intenção dos incentivos é afastar o temor dos receptores.

### III. O gênero do “incentivo de guerra”

#### A. Um gênero próprio

Depois da avaliação geral apresentada acima, não pode haver dúvida de que o incentivo empregado no âmbito da tradição da Guerra Santa representa um gênero próprio. Todos esses incentivos apresentam aquelas características que Gunkel<sup>9</sup> estabeleceu como essenciais para um gênero:

- a) atmosfera, pensamentos, conteúdo em comum: todos os incentivos procuram eliminar o temor diante do inimigo, apontando para o auxílio (militar) de Javé — não temer, mas confiar em Javé!
- b) linguagem formal comum: os incentivos apresentam, nos diversos elementos da estrutura, os quais se seguem numa seqüência bem definida, expressões, formulações, imagens etc. bem determinadas, que se repetem constantemente.

---

8 Trata-se de Ex 14,13-14; Nm 14,9; Js 8,1-2; 10,25a”b; II Cr 20,15b-17; 32,7-8a.

9 Jesaja 33, eine prophetische Liturgie, ZAW NF 1, 1924, pág. 182s



- c) lugar vivencial comum: todos os incentivos pressupõem um conflito com inimigos e se referem ao temor diante desse conflito.

Com isso, está comprovada a existência de um gênero especial.

### B. O lugar vivencial atual

Não há dúvida de que o lugar vivencial sugerido por êsses incentivos na sua forma literária atual não pode ser o original. Como já vimos, todos êles pressupõem um conflito com inimigos e o temor correspondente. Mas, fora disso, há pouco em comum no tocante ao lugar vivencial. Há seis incentivos, no âmbito da Tomada da Terra, que se referem a um conflito em potencial, frente a um amigo indefinido. Há, por outro lado, incentivos pronunciados no momento em que ataca o inimigo. Em outros casos, Israel é o atacante. Um incentivo ocorre um dia antes da batalha; outros, a uma distância temporal indefinida da luta. Além destes, há os incentivos pronunciados logo após uma vitória e ainda aqueles que foram inseridos em "alocuições de guerra" deuteronômicas, nas quais o pregador apenas descreve uma situação bélica hipotética.

Percebe-se imediatamente que a diversidade das situações presupostas nesses incentivos não se coaduna com a rígida uniformidade formal, terminológica e de conteúdo dos mesmos. Assim sendo, torna-se evidente que originalmente o lugar vivencial desses incentivos deve ter sido diferente do que êste, que se apresenta na sua versão literária atual. Os incentivos em questão devem ter sido retirados de um lugar vivencial em que a) reinasse uma situação de guerra e b) os inimigos não fôssem uma grandeza em potencial, indeterminada, num futuro indefinido, mas um fator conhecido, concreto, real, determinado, a uma distância temporal previsível.

### C. O lugar vivencial original

Perguntamos, então: Onde é que podemos encontrar, na vida de Israel, um tal lugar vivencial, como o que postulamos acima? Os textos à nossa disposição oferecem-nos duas pistas, com cujo auxílio podemos aproximar-nos bastante de uma resposta. Estas duas pistas são: a) a idade dos incentivos e b) o seu conteúdo, ou seja, seus pensamentos, concepções, formulações e expressões.

Quanto à primeira pista: os incentivos mais antigos são de autoria de J (Êx 14,13-14) e do "compilador" (Js 10,8; 11,6), de modo que podemos fixá-los no séc. X e por volta de 900, respectivamente, ou até mais cedo. Assim sendo, o lugar vivencial desses incentivos deve ser procurado nessa época ou, mais provavelmente, ainda antes dela.

A suposição que começa a se impor com essa constatação torna-se uma certeza se examinarmos a segunda pista. Vemos então que não pode haver sombra de dúvida: o lugar vivencial desses incentivos só pode ser localizado no âmbito da Guerra Santa do antigo Israel. Basta compararmos a terminologia da Guerra Santa, pesquisada e apresentada por Gerhard von Rad<sup>10</sup> com a que expusemos acima, para que essa conclusão se imponha forçosamente. O conteúdo global desses incentivos é: “não temer, mas confiar em Javé”, ou, como diz von Rad, “nicht fürchten, sondern glauben”<sup>11</sup>. “Não temer”: isso é o que expressa a fórmula de incentivo com os elementos combinação e objeto. “Mas crer”: eis o resumo de tudo o que é dito nas fundamentações. Os incentivos conclamam a confiar, a crer no auxílio (militar) de Javé, do qual falam as fundamentações. Nesse tocante, von Rad afirma convincentemente: “Wo konnte denn anders dieses Glaubensmotiv seinen Sitz im Leben gehabt haben? Ursprünglich sicher nicht irgendwo im individuellen Leben, sondern in dem der Kollektivität, und das heisst im Kultus. Im Kultus aber nicht im Bereich der Feste, sondern im Bannkreis des geschichtlichen Waltens Jahwes; und das erfuhr das alte Israel allein in seinen heiligen Kriegen.”<sup>12</sup>

Se conseguirmos demonstrar que havia, no campo da Guerra Santa, um lugar em que se pudesse imaginar um tal incentivo, poderíamos fechar o arco da nossa argumentação. Um tal lugar existe, de fato, no âmbito da consulta que era feita a Javé, antes da batalha. O Antigo Testamento fala freqüentemente dessa consulta. Temos uma boa descrição desse ato em Nm 27,21. Aqui, o termo chave é “s' l”. Ele é empregado para a consulta a Javé antes de um confronto com inimigos, em Jz 1,1; 20,18. 23. 27; I Sm 14,37; 22,10. 13. 15; 23,2. 4; 28,6; 30,7s; II Sm 5,19. 23. Também I Sm 23,9-11 dá uma boa imagem dos acontecimentos durante uma tal consulta a Javé. Para o mesmo ato pode ser empregado também o verbo “drs”, que encontramos em I Rs 22,5. 8; II Rs 3,11; Is 31,1; Jr 21,2; II Cr 18,4. 7; cf Ez 20,1 e I Cr 10,14.

A importância da consulta a Javé, no âmbito da Guerra Santa, é ressaltada pelos dois pesquisadores, que escreveram os principais trabalhos neste setor, Gerhard von Rad<sup>13</sup> e Rudolf Smend<sup>14</sup>. É justamente no âmbito desta consulta que devemos procurar o lugar vivencial do nosso incentivo. É aqui que vamos encontrar os dois elementos, a) e b), postulados acima.

---

10 Der Heilige Krieg im alten Israel, 4.<sup>a</sup> ed., Göttingen 1965, principalmente pág. 7-10.

11 op cit pág. 31.

12 idem

13 op cit pág. 7.

14 Jahwekrieg und Stämmebund, Erwägungen zur ältesten Geschichte Israels, FRLANT 84, Göttingen 1963, pág. 27.

Lamentavelmente, torna-se muito difícil ir mais a fundo e tentar localizar o incentivo com maior precisão. A pergunta é a seguinte: Era o incentivo a resposta de Javé à consulta feita pelo sacerdote, antes da batalha? Ou era o incentivo proclamado pelo comandante militar aos guerreiros, com base na resposta anterior de Javé?

Se examinarmos os textos sob êsse prisma, chegamos à seguinte conclusão: o material de que dispomos conhece tanto incentivos, que devem ser considerados como a decisão de Javé, comunicada pelo sacerdote, como também outros, que aparentam antes ser a alocação do comandante. Difícilmente se poderá negar que a decisão de Javé tenha tido a forma de um incentivo. Mas também não se pode negar que certas expressões serviriam mais numa alocação do comandante do que na decisão de Javé. Com base nessas observações, pode-se construir a seguinte suposição: seria imaginável que a decisão de Javé na boca do sacerdote tivesse a forma de um incentivo e fôsse dirigida ao comandante; e que o comandante, por sua vez, apanhasse êsse incentivo e baseasse nêle sua alocação de cunho encorajador. Eis uma suposição que, embora não possa ser provada, pode reivindicar um certo grau de probabilidade.

Podemos, então, resumir assim o resultado do estudo do incentivo "Não temas!" na tradição da Guerra Santa:

O Antigo Testamento contém, em escritos que vão do séc. X ao séc. III, incentivos que, pela estrutura, pela terminologia, pelo conteúdo e pela situação em que são empregados, devem remontar à Guerra Santa do antigo Israel, onde estavam localizados na resposta de Javé à consulta que lhe era feita, ou na alocação do comandante militar, que se baseava nesta resposta, ou em ambos. Êsses incentivos formam um gênero próprio, que podemos chamar de "incentivo de guerra".

#### IV. *Uma hipótese histórico-tradicional*

Concluindo esta exposição, não podemos deixar de colocar a seguinte pergunta: Como é que êsses "incentivos de guerra" oriundos da Guerra Santa, a qual deve ter cessado de existir o mais tardar na época de consolidação do reinado, se conservaram de maneira tão uniforme, através de tantos séculos? Essa pergunta só pode ter uma explicação plausível: os autores dos diversos escritos, onde deparamos com o "incentivo de guerra", devem ter tido à sua disposição qualquer tipo de documento escrito, que continha uma lista de tais incentivos oriundos da Guerra Santa. Não é possível que uma tradição oral os tivesse transmitido de maneira tão uniforme. Partindo de considerações

idênticas, porém no tocante a outro gênero, as "alocuições de guerra" do Deuteronômio, von Rad fala de "Formularen von Ansprachen"<sup>15</sup>. — O mesmo devemos pressupor também para os "incentivos de guerra".

Lamentavelmente, o breve espaço à nossa disposição não nos permite entrarmos mais a fundo na questão. Contentemo-nos em constatar o seguinte: um estudo histórico-tradicional dos diversos textos demonstra que nem Dt, nem P, nem Dtr, nem a redação posterior de Dtr, nem Neemias, nem Cr podem se ter baseado nos "incentivos de guerra" constantes dos escritos anteriores aos mesmos. Um exame comparativo dos "incentivos de guerra" mais recentes com os mais antigos demonstram claramente que êstes não podem ter servido de "matrizes" para aquêles. Forçosamente impõe-se a seguinte conclusão: incentivos do âmbito da Guerra Santa, exemplares do gênero que aqui denominamos "incentivo de guerra", foram passados adiante à posteridade em listas escritas; essas listas eram acessíveis aos diversos "autores", que aproveitavam os incentivos nos seus escritos, em diversas situações caraterizadas, de uma forma ou de outra, pelo conflito armado com inimigos.

Também esta hipótese, evidentemente, não passa de mera suposição. No entanto, ela tem muito de provável e, portanto, não podia deixar de ficar registrada, ao concluirmos esta jornada nas pegadas de um gênero: o "incentivo de guerra".

#### Literatura:

GUNKEL, Hermann, Jesaja 33, eine prophetische Liturgie, ZAW NF1, 1924, pág. 177-208.

NOTH, Martin, Das Buch Josua, HAT I/7, 2.<sup>a</sup> ed., Tübingen 1953.

RAD, Gerhard von, Der Heilige Krieg im alten Israel, 4.<sup>a</sup> ed., Göttingen 1965 idem, Deuteronomiumstudien, FRLANT NF 40, Göttingen 1947

SMEND, Rudolf, Jahwekrieg und Stämmebund, Erwägungen zur ältesten Geschichte Israels, FRLANT 84, Göttingen 1963.

# Entre Fundamentalismo e Iluminismo.

*Problemas do trabalho teológico em nossa Igreja.*

Uma notícia estatística publicada na "Herder-Korrespondenz" — órgão oficioso da Igreja Romana —, se não me falha de fevereiro dêste ano, afirma que durante os últimos dois anos, cêrca de 700 padres na América Latina voltaram as costas à sua Igreja e dela se retiraram. Um exame dos motivos, até o ponto em que tal exame é possível, mostrou que, principalmente entre os mais jovens, não foram motivos sociológicos — como por exemplo o desejo de casar — que desempenharam o papel preponderante e tinham primasia. Entretanto, em unanimidade abismante, 90% falou de um estado de crise, que talvez possa ser resumido da seguinte maneira: "Após a conclusão do nosso curso somos mandados para fora e abandonados em qualquer lugar dêste extenso país. Nos são feitas perguntas — principalmente pela juventude estudantil sedenta por um saber e uma formação sempre maiores — sôbre as quais praticamente não falamos durante o tempo de nosso estudo. Sempre somos obrigados a dar respostas, quando nós mesmos ainda gostaríamos de estudar, pelo que, mais dia menos dia, estaremos liquidados".

Na mesma época o jornalista-teólogo Heinz Zahrnt, conhecido por seus artigos no semanário dominical de Lilje e também por outras publicações, escreveu um artigo analisando a situação intelectual e espiritual que reina atualmente na Alemanha, sob o significativo título: "O iluminismo sòmente nos alcançou agora", artigo êste que, como me tem sido confirmado diversas vêzes, tem merecido assentimento também em círculos brasileiros interessados — círculos êstes que vão além dos limites de nossa Igreja — no sentido de que, embora se tenha de considerar as enormes diferenças entre a situação intelectual na Europa, especialmente na Alemanha, e em nosso país, se poderia formular, variando um pouco: O iluminismo — no seu melhor sentido, antes de mais nada como busca do saber que pretende ajudar na moldagem da vida humana de uma forma responsável em tôdas as áreas — sòmente agora começa a penetrar em nosso país, isso no mínimo em vista do aumento do número de matrículas, do crescimento da geração estudantil que se radica nas cidades. A corrida para as cidades, fenômeno conhecido de todos e que os sociólogos definem unânimemente como processo irreversível em nosso país no decorrer dos próximos 20 anos, não é apenas do elemento agrário que simplesmente vende suas terras e vai à cidade na vaga e indeterminada esperança de realizar a sua sorte. Neste processo está contido tam-

bém o impulso em direção de uma formação maior, fenômeno que deverá preocupar a Igreja, principalmente em vista da geração nova que lhe é confiada. Quanto mais retiradas as comunidades, tanto mais vêzes já deve ter acontecido aos senhores o que um dos nossos ex-estudantes e atualmente pastor, disse entristecido: Justamente aquêles — poucos por enquanto — em especial dentre os jovens, que são mais abertos e com os quais, além de se poder trabalhar responsavelmente, também se pode dialogar, aos quais a gente não precisa dar apenas, justamente êstes a gente terá de deixar que se vão a fim de progredirem, sim, a gente terá de dar-lhes ânimo a fazê-lo para o seu próprio bem.

Talvez agora, meus amigos, os senhores entendam os motivos por que antepus êstes dois fenômenos, ou melhor, estas duas análises às minhas considerações, talvez agora os senhores entendam que ambas estão intrinsecamente ligadas, embora não se possa reconhecê-lo à primeira vista: O padre católico-romano que — sob muitos aspectos certamente em escala maior do que o pastor evangélico — se sente abandonado, e a geração nova que deseja, em escala crescente, a discussão em lugar da prédica monologisada, reflexão em lugar do dogma, engajamento pessoal em lugar do serviço pastoral tradicional — ambos caracterizam um fenômeno que, segundo opinião dos entendidos, embora se apresente em formas diferentes neste extenso país, é irreversível e decisivo a curto prazo no Brasil. Se bem que nossa Igreja só alcance uma extensão relativamente pequena de todo o país, ela não poderá fechar-se a êste processo, aliás, mesmo que ela o quizesse não poderia fazê-lo, pois, como temos visto, também ela está tomada por êste processo em todos os seus membros. Quando, há pouco tempo em uma reunião de pastôres em Campo Bom, um catedrático de Pôrto Alegre deixou claro que, já dentro de cêrca de 20 anos, sòmente 10% das nossas comunidades serão rurais enquanto que as demais ter-se-ão tornado urbanas e, quando então foi perguntado o que a Igreja e também o pastor deveriam fazer, foi dada a única resposta cabível: Ao pastor não resta outra coisa, senão ir junto. Sob êste conceito, num sentido metafórico, desejo analisar os “problemas do trabalho, respectivamente, do estudo teológico na IECLB hoje” à mão de algumas teses que obedecerão à pergunta: O que significa “ir junto” com os homens de nossas comunidades — e isso no sentido mais amplo — quer êles mudem de residência nos próximos 20 anos, quer não, “ir junto” em nome de Jesus Cristo?

I — Uma mudança fundamental no terreno espiritual e intelectual não é algo de nôvo ou perigoso por si mesmo e por isso algo que tenha de ser recusado integralmente pela comunidade de Jesus Cristo, na qualidade de povo de Deus em peregrinação, pois tais realidades e evoluções sociológicas — tanto em tradição como em mutação — não podem ser encaradas como constitutivas da existência teológica. Elas, entretanto, são, tanto ontem, como hoje e como amanhã, a tarefa, o terreno no qual a exis-

tência cristã individual e na comunidade e igreja, deverá comprovar-se.

Quem conhece ao menos um pouco da história de Israel, do povo do pacto veto-testamentário, saberá que o povo de Deus, justamente em face da fidelidade incansável de Deus, passou por muitas mudanças históricas, mudanças estas que não estavam terminadas quando os grupos de tribos seminômades e errantes encontraram, na terra fértil da Palestina, um lugar de relativo sossego e reunião. Antes, isso sim, a tensão do conflito espiritual e intelectual vai desde a mudança de seminômades para trabalhadores agrários e cidadãos, através de um processo cheio de alterações que desembocou no estado imperial, até a reunião de uma comunidade exílica e pós-exílica, a qual teve de passar literalmente pelo ponto zero, pela crise absoluta de sua existência, tanto no terreno político como no religioso. Tôdas estas evoluções, para o leitor assíduo que não vê na Bíblia um livro de verdades e frases de valor generalizado e absoluto, sedimentaram-se na infinidade de testemunhos do Antigo Testamento, cujo mais antigo dista do mais nôvo cêrca de 1.000 anos. E é um traço marcante e sobremaneira característico de todos êstes escritos, que êles nunca — quer na crítica dos profetas, quer nos hinos da comunidade que conhecemos como Salmos — condenam o nôvo pelo simples fato de ser nôvo, que êles nunca, em princípio, recusam a cultura, o saber, o pensar como algo que seja inimigo à tradição e à religiosidade. Por outro lado, porém, nunca se trata de uma revolução em si, simplesmente segundo o princípio trivial de que “tudo tem que ser alterado”. Mas, onde o profeta conclama a preparar terra nova (i. e., a arar um campo virgem; cf. Os. 10,12; Jer. 4,3; Prov. 13,23), trata-se sempre — e isso em especial na passagem de Oséias — da busca profético-teológica de “reconhecimentos” trata-se de crer e entender, de compreender e crer a vontade de Deus para o “hoje”, em situações históricas sempre novas e atuais (buscar a Deus — perguntar pela atualidade). Em outras palavras: Desde os testemunhos mais antigos — humanamente falando através dos caminhos não raro tortuosos de Israel, até às discussões teológicas que se desprendem de Esdras e Neemias, nunca é apresentada uma teologia da revolução ou da tradição de valor absoluto e atemporal. A fidelidade de Deus, em juízo e graça, que segue e procura o homem na história, é a única constante e constitutiva. A explicação e a fixação de posições teológicas da comunidade e do indivíduo, feitas com tôdas as possibilidades do saber e do entendimento no dia a dia, bem como as tarefas que, no decurso dos diversos momentos históricos, precisam ser formuladas de nôvo, têm todo o seu ímpeto desta constitutiva e constante, e é justamente isso que perfaz a riqueza do testemunho veto-testamentário em tôda a sua diversidade.

Esta relação, concentrada na ação definitiva de Deus em Jesus Cristo, fica bem evidente no Nôvo Testamento, cuja histó-

ria de formulação abrange cerca de 100 anos. Pelo fato de ter um só Senhor, a igreja primitiva não desmorona quando, por exemplo, surgem profundas diferenças na formulação das afirmações de fé e nas exigências em relação à existência diária dos cristãos, de um lado por parte de Tiago que está arraigado na tradição judaica e de outro por parte de Paulo, que originalmente provém da mesma tradição, mas que agora está trabalhando nas comunidades das cidades portuárias da Ásia Menor. Justamente os pontos de partida sociológicos diferentes é que também levam a formulações diversas. Como dito, por isso a igreja não desmorona. Pelo contrário: As formas nas quais a fé é testemunhada e vivida e as tarefas sociológicas que o respectivo ambiente impõe à comunidade e ao indivíduo, podem ser formuladas de maneira tanto mais variada e assim encaradas mais apropriadamente, quanto o Cristo, na qualidade do ressurreto, do Senhor vivo, nos livrou de tôdas as ideologias e fanáticos, especialmente de ideologias e fanáticos cristãos. Daí porque, realmente, tudo é nosso de momento em momento, porque somos de Cristo. Daí porque Paulo se opõe enérgicamente e com sucesso apenas à uma coisa: Ao fato de que esta liberdade concedida por Cristo se torna inverossímil, porque determinados grupos dentro da igreja encaram sua própria forma de fé e de organização como normativa, como a única que salva, tanto que, na igreja, começam a diferenciar entre convertidos e não-convertidos (cf. Gál. 2!). Porque até os nossos dias em nossa situação, entram em jôgo sorrateiramente constitutivas sociológicas, porque se capitula diante do pretense ídolo do "iluminismo e do saber", procurando refúgio na "intimidade da fé" e transformando, assim, êste ídolo em um inimigo, isto é, em um ídolo, desejo formular uma segunda tese, baseado na mensagem bíblica.

II — A singularidade da Igreja Evangélica se mostra justamente na diversidade fraternal de suas formas de fé, de pensar e de organização que são possíveis. Por isso deveria ser possível à IECLB, que por uma decisão livre assumiu uma forma de organização no ano passado, levar avante um trabalho teológico conjunto que leve para fora do fundamentalismo dos séculos XVIII e XIX e à realidade do século XX, procurando vencer uma idolatria do iluminismo e do saber em nosso país, sem jamais, porém, entender e explicar a fé sem pensar, sem compreender. Nossa igreja tem uma tarefa neste país, que vai desde o simples estudo bíblico na colônia até à discussão teológica com docentes e estudantes, tarefa frente à qual uma retirada para o terreno da atividade religiosa íntima, em pequenos ou grandes grupos de pessoas da mesma opinião, deve ser considerada irresponsável a partir da tarefa imposta por Jesus, a saber, "enviados ao mundo". Justamente o teólogo deveria sabê-lo, proclamá-lo e vivê-lo: A meditação sem informação se torna vazia, a inspiração, sem o trabalho da pesquisa da palavra de Deus que nos foi transmitida dentro de um determinado contexto histórico, pesquisa esta que deverá ser realizada com todos os dons de nosso entendimento



e todos os meios de nosso saber, uma sem-vergonhice frente ao Espírito de Deus. No fim da discussão teológica realmente difícil, a qual fará com que se distingam diversos discípulos em torno de Jesus, chamado também “o pão da vida”, a existência daqueles que permanecem com Cristo é descrita com as palavras de Pedro: (Jo. 6,69) “nós temos crido e reconhecido que tu és o Santo de Deus”. O testemunho não pode existir sem reconhecimento, o saber impõe à fé uma tarefa.

Por falta de tempo não procuraremos passagens veto-testamentárias para fundamentar o que dissemos acima, passagens que existem em grande número. Em relação ao Nôvo Testamento, desejo, considerando-se a infinidade de textos que se correspondem, ao menos lembrar ainda I Cor. 12, 1ss, que acentua de maneira enfática o fato de que o Espírito, como origem de todos os dons, faz com que transcendamos a nós mesmos no serviço que prestamos ao todo e com que a comunidade transcenda a si mesma no serviço no e ao mundo. Este capítulo deveria ser lido sempre de nôvo por todo aquele que entremeios está desanimado, porque outros, aparentemente, conseguem crer tão mais firmemente e organizar muito melhor; mas também aquele deveria lê-lo, que começa a pensar que somente a sua maneira e forma de viver a fé e de organizar a comunidade é autenticamente do Espírito Santo, e que por isso já começa a contar o número de seus seguidores no plano da igreja. Tanto as psicoses de inferioridade, como as maneiras híbridas de ser extrovertido, são fraquezas humanas bastante difundidas, as quais, porém, nos têrmos da situação entre fundamentalismo e iluminismo individual, exposto acima, podem tornar-se extremamente perigosas, especialmente para o teólogo em sua comunidade, uma vez que o refúgio na letra corresponde ao refúgio em uma determinada pessoa (de Apolo, de Paulo, de Cefas. Cf. I Cor. 3); tanto um como o outro obscurecem a mensagem, impedem a discussão total com a causa do evangelho e — se bem que constantemente falem no nome de Jesus — distorcem o encontro verdadeiro com o Senhor ressurto.

Permitam-me, porém, concretizar as palavras da tese, transferindo nossa temática geral para dentro da nossa situação de hoje no Brasil.

Se vejo bem, o desenvolvimento sociológico e intelectual esboçado acima tornar-se-á sempre mais claro no ambiente de nossa igreja, em sua colocação entre fundamentalismo e iluminismo, e isso em três terrenos:

a) de um lado uma diferença sempre maior entre a comunidade urbana e a rural, devendo ser lembrado que haverá, além disso, a diferença entre comunidades das pequenas e médias cidades e as comunidades tradicionais das metrópoles, e de outro lado o problema, ainda em nada solucionado do imigrante evangélico que permanece à beira das metrópoles.

b) o problema entre as gerações, que também em nossas áreas rurais não mais poderá ser suprimido, problema este que se evidencia principalmente na posição e nos anseios da juventude em relação às formas tradicionais de comunidade e da assim chamada vida eclesiástica.

c) na cristalização sempre mais evidente — considerando-se o número crescente de pastôres nascidos aqui — de grupos da mesma linha de pensamento no âmbito da igreja. Nestes grupos — apenas para mencionar as duas tendências principais — uns pensam terem de defender uma compreensão rigidamente fundamentalista e prêsa à letra dos testemunhos bíblicos (verdades eternas), partindo da preocupação compreensível de que, se abandonarem esta compreensão tudo estará perdido, ao passo que outros — especialmente os jovens que estudam — influenciados pela afluência de uma crença científica, tentam colocar-se na altura da situação social atual (sob o conceito de realidade brasileira), pensando poderem tirar diretamente da Bíblia teorias econômicas e sociais.

Antes de tentar mais algumas considerações concisas que deverão levar adiante nestes três terrenos pretendo deixar claro um ponto: Pessoalmente sou da opinião de que, em nosso país, as quebras e os abismos nestas três esferas, não poderão ser solucionadas de forma objetiva no decurso dos próximos decênios, creio, porém, que eles tornar-se-ão ainda maiores. Dentro deste panorama, pastôres e comunidades poderão fazer o papel de pontes vivas, pulando na brecha através da realização de sua vida concreta, exatamente no lugar onde os abismos se abrem. Isso, no entanto, poderá inclusive significar que, por causa e em favor do outro, a gente tenha que colocar freios na própria opinião, não tomando partido, sem com isso, porém, estabelecer um compromisso podre ou tornar-se inverossímel diante de Deus e de si mesmo.

Ref. a a) Todos os tipos de encontros de teólogos e leigos no âmbito de nossa igreja, deverão servir sempre mais à comunicação, no sentido de que a situação sociológica do outro, diferente da nossa, seja entendida e analisada teologicamente em conjunto. Enquanto que até o momento os evangélicos no Brasil têm sido uma pequena minoria, com ligações de caráter tanto quanto histórico-pessoal, quase que de parentesco, no futuro eles deverão realçar e ativar aquilo que os une e caracteriza teologicamente, se não quiserem vegetar simplesmente aqui e acolá, sendo, algum dia, absorvidos por completo por movimentos sociológicos maiores e de certa envergadura. Não pretendo tratar aqui o problema da missão à beira das metrópoles e da formação adequada para tal, ou então de um sistema — ao menos inicial — que possibilite comunicações sobre as famílias em migração. Somente gostaria de lembrar uma coisa: O fato de que ainda existirão comunidades tipicamente rurais dentro dos próximos 50 anos, não nos deverá levar à ilusão de que não precisaríamos, desde já,

cada um em seu lugar, fazer tudo no sentido de que o horizonte-de-torre da própria igreja que nossas comunidades têm, seja rompido. Como na biologia medicinal, também existe de-generação intelectual velada muito mais perigosa, isto é, uma degeneração que progride gradativamente e que somente será descoberta depois de uma ou duas gerações. Se quiserem um exemplo bíblico, podem tomar o povo do pacto veto-testamentário, o qual, no tocante aos conceitos tradicionais, vinha vivendo em uma segurança de séculos, pelo que, foi quase mortal e totalmente surpreendido pela situação do exílio.

Ref. a b) Também em nosso país haverá um distanciamento sempre maior entre jovens e "velhos", talvez inclusive entre jovens e a comunidade no sentido tradicional alemão. Talvez seja possível evitar fixações extremas de ambos os lados como elas existem atualmente na Europa, reconhecendo-se suficientemente cedo os motivos deste desenvolvimento e partindo-se serenamente do fato de que nem a idade e nem a linguagem são constitutivas para o Evangelho. Ao menos uma coisa eu sei de inúmeros diálogos que tive com jovens daqui, diálogos estes, que em princípio são a continuação dos mesmos diálogos que tive na Alemanha como pastor de estudantes: Até hoje não tenho encontrado um jovem sequer que não se interessasse profundamente pela pergunta por Deus, quando esta é feita separadamente da pergunta pela igreja institucionalizada e pela fé convencional. Eles apenas não mais estão dispostos a ouvir "fundamentações" como: "isso sempre foi assim e por isso também permanecerá assim" ou então: "isso tu não podes descobrir, deves crer somente". E eles fazem bem em assim agindo, pois nenhum teólogo sério, que creu e reconheceu ser Cristo o Santo de Deus, deverá arriscar frases assim. É bobagem falar generalizadamente de uma tendência à descrença entre a juventude, e procurar combatê-la com tentativas de conversão psicológica, que não passa de uma experiência da puberdade. Antes, isso sim, é necessário que o pastor se ponha entre as gerações, pois poderá ser que em certas ocasiões ele seja — em nome de Jesus Cristo — o maior elo de ligação entre pais e filhos. E, para que eu não me torne suspeito de falar unilateralmente em favor dos jovens, faço ainda uma pequena observação: É interessante que os jovens, a longo prazo, acabam desejando um pastor mais "idoso", isto é, mais maduro e com mais experiência.

Ref. a c) Para nós, neste círculo, talvez já agora este ponto seja o mais crítico e sem dúvida, dentro de mais tardar um decênio, ele o será para toda a igreja. Isso porque os partidos espirituais e intelectuais já alcançaram os pastores bem como outras instâncias da igreja, tendo sido inclusive, em alguns lugares, levado às comunidades, em forma de afirmações não examinadas nem fundamentadas, por meio das quais se nega ao outro determinadas bases de fé ou mesmo a "fé verdadeira".

Tentei expor acima o que do ponto de vista bíblico deve ser dito em relação ao todo do nosso tema. Não creio, de forma alguma, que a relação fé e saber, sejam alternativas que se excluem. Quanto à forma da discussão, que, para os cristãos, neste caso está intimamente relacionada com o conteúdo, desejo ressaltar mais uma vez com tôda ênfase: Antigo e Nôvo Testamentos sòmente conhecem o diálogo direto e fraternal e a intercessão, para a discussão em tôrno das formas de fé e de existência cristã diária entre os grupos de opiniões diferentes. Justamente êstes são os critérios práticos para o "examinar dos espíritos", como o deixa evidente a segunda parte do capítulo 4 (vs. 7ss) da primeira epístola de João. Justamente quando alguém começa a reunir uma elite esotérica de seguidores de qualificação superior e isso conscientemente, anatematizando os que creem de uma maneira diferente — notem bem, meus amigos, não os que creem em algo diferente! — o cristianismo intensamente conhecido e vivido se torna duvidoso, do ponto de vista do evangelho. Se nós, num país com sua carga da herança católico-romana, mais a infinidade de movimentos sectários recentes, não admitirmos, no decorrer dos próximos decênios, a existência de grupos de opinião e grupos de trabalho diversos, mas chegarmos a um verdadeiro partidarismo e inclusive a processos de hereges, por supervalorizarmos essa ou aquela opinião de uma determinada escola, ou então um determinado estilo de vida, quer partindo do fundamentalismo, quer do iluminismo, e isso no âmbito de uma igreja tão pequena como a nossa, dentro de mais tardar 20 anos estaremos perdidos e ter-nos-emos degradado a grupos sectários. Tudo depende de que cada um de nós, tanto com seus amigos como com os de opinião contrária, se compreenda — usando um exemplo citado pelo falecido pastor W. Busch de Essen — como um dos apitos de um órgão, mantendo cada um o seu tom peculiar no órgão da pregação da realeza de Jesus Cristo.

Permitam-me, ao encerrar, que — nos têrmos de nosso tema— ainda demos uma olhada ao trabalho teológico e à situação de nossa Faculdade e de nossos estudantes. Nossa Faculdade, em sua história e sua tarefa, está muito achegada às comunidades. Por isso não é de admirar que uma série de pensamentos e motivos enumerados até aqui se reflitam em nossos estudantes e levem à formação de grupos de opiniões diversas. Partindo dêste fato e do outro, a saber, que o estudante, já durante o seu estudo, trabalha nas comunidades nas mais diversas tarefas, o medo de que, com o correr do tempo, se abra, como atualmente na Europa e em outros lugares, um abismo entre a teologia acadêmica e a fé da comunidade, é totalmente infundado. Os senhores terão de lembrar-se sempre desta boa relação que é característica e peculiar, e por isso, baseados em notícias vindas da Europa, não deverão assustar-se quando um estudante começar a formular o seu testemunho de uma maneira nada convencional ou a procurar novos caminhos para o trabalho da comunidade. Acho inclusive, que nesta proximidade e nesta ligação existencial há um certo

perigo, caso não nos esforcemos no sentido de um entendimento mútuo, qual seja, o perigo de que, de nós, se espere a fabricação de pastôres previamente programada, pastôres que serão e agirão da mesma maneira como sempre foi e sempre agiu um pastor. Justamente isso, entretanto, será cada vez menos possível em nosso país, dado o desenvolvimento apontado acima: De um lado por causa dos próprios jovens, que agora vêm vindo para a Faculdade das regiões mais diversas e que, antes de mais nada, terão de trabalhar teologicamente para si mesmos — com toda a força e sem desligar o entendimento — e tomar uma série de decisões antes de entrarem ativamente no serviço da pregação; por outro lado, porque a “profissão” do pastor — entre fundamentalismo e iluminismo — se torna sempre mais difícil sob o impacto da discussão espiritual e intelectual e, creio eu, também mais bonita. Ele não mais poderá pregar diante das pessoas, mas terá de ingressar nas discussões. Ele não mais servirá a uma comunidade passiva de acordo com formas pré-fixadas, mas terá de, com a comunidade, levar uma vida responsável diante de Deus. Para tal, porém, ele terá de estudar teologia com afinco sempre maior, pois o que são, afinal, quatro anos de estudo, muitas vezes interrompidos, à partir dos quais a gente deverá dar respostas e estar à disposição das pessoas durante toda uma vida!?

Em consideração a tudo isso, a minha última frase deverá ser um pedido em favor do nosso estudante. Se os senhores, as comunidades, derem o dinheiro, deixem que isso seja uma bolsa total, que seja uma dádiva de confiança para o estudante durante todo o seu tempo de estudo, e isso não apenas financeiramente, mas também espiritualmente, em matéria de tempo, humanamente, intelectualmente e sociologicamente. Não mais perguntem quantos pastôres “produzimos” por ano, mas zelem também pela qualidade do trabalho teológico e por sua continuidade após a formação. Deveriam ser bolsas e não — também no sentido figurado — hipotecas, porque só então os jovens teólogos poderão ir junto com as pessoas das comunidades em nome de Jesus Cristo, no decorrer dos próximos vinte anos de discussão em torno do fundamentalismo e do iluminismo.

# “Enviados ao mundo” sob o aspecto Bíblico-Teológico

*Conferência proferida no Concílio Regional em Lageado a 30 de agosto de 1969*

## *Introdução*

A primeira cristandade estava imbuída da obrigação de levar o evangelho a todos os povos. No livro dos Atos (1,8) lemos palavras do Jesus ressurreto, dizendo: “Sereis as minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” E o apóstolo Paulo escreve aos romanos (cap. 1,14.15): “Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.” A tarefa da primeira cristandade é também a nossa, pois a obra de levar o evangelho aos povos não está concluída, enquanto o mundo existir. Ninguém nasce como cristão, de modo que a pregação do evangelho por um lado, e a aceitação da mensagem por outro constituem incumbência e ação sempre novas. Em cada época e em todo o lugar a Igreja de Cristo é enviada ao mundo, sendo por isso necessário que ela se conscientize, de tempos em tempos, dessa sua missão.

O maior perigo da Igreja talvez não consista em que ela esquecesse por completo a sua tarefa, o maior perigo vejo eu em falsos conceitos a respeito de sua missão ao mundo. Que significa “ser enviado ao mundo” nos tempos de hoje? Cumprimos, como Igreja evangélica, com o nosso dever de sermos Igreja para os povos? Ou somos apenas um clube exclusivo de pessoas com interesses casualmente iguais, deixando de irradiar a mensagem que como tesouro nos foi confiada? Que devem os discípulos de Jesus fazer para permanecerem fiéis ao evangelho e àquele que confessam ser o seu Senhor?

## *I. Considerações teológicas fundamentais.*

Cristãos são enviados ao mundo, eles são a luz do mundo, como Jesus o diz no sermão da montanha. Mas que significa “mundo”? Podemos distinguir na concepção bíblica cinco aspectos desse termo que para uma compreensão adequada da missão da cristandade são essências.

1) O "mundo" é, em primeiro lugar, o conjunto dos povos ou das nações. Se Deus julgará o mundo (Rom 3,6), então é claro que êle julgará a humanidade. E se o Evangelista João afirma que Deus amou ao mundo de tal forma que deu o seu Filho unigênito, então são evidentemente os homens o objeto do amor divino (João 3,16). Os cristãos enviados ao mundo, são enviados à totalidade dos povos que habitam a terra.

2) Um segundo uso da palavra "mundo" ultrapassa o significado "povos, humanidade". Pois "mundo" é termo que resume em si tudo o que Deus criou. Céus e terra foram feitos por suas mãos (conf. Gen. 1), de modo que Deus é o Senhor de tudo que existe. Se Deus vem ao mundo, então Êle vem ao que é seu (João 1,11 ss), então o criado se dirige à sua criação. A humanidade é parte dessa criação de Deus e ela vive em solidariedade com as demais criaturas. Isso significa, com relação ao nosso tema: Os cristãos são enviados àquilo que é obra de Deus e que já lhe pertence.

3) Êste mundo, criado por Deus, é, no entanto, o mundo no qual reinam o pecado, a morte, os sofrimentos, o ódio e o mal. Poderes destrutivos nêle se manifestam, trevas cobrem a terra que se encontra em revolta contra o criador, negando-lhe os seus direitos. Os cristãos são enviados a uma humanidade em desobediência a seu Senhor, a um mundo que em sua estrutura e em sua apresentação atual não mais reflete a vontade e o senhorio de Deus.

4) Todavia, êste mundo justamente é o objeto do amor de Deus, é o lugar de sua revelação, é o mundo do qual Deus se compaixou e o qual Êle quer salvar. Já ao patriarca Abraão é dada a promessa: "em ti serão benditas tôdas as famílias da terra" (Gen 12,3), sendo cumprida essa promessa em Jesus Cristo. Êste veio ao mundo para salvar o que estava perdido (Mt 18,11), ou para dizê-lo com as palavras de Jesus segundo o evangelho de João (cap. 12,46): "Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquêle que crê em mim não permaneça nas trevas." E com tôda a ênfase deve ser dito: Por meio de Jesus Cristo Deus já reconciliou o mundo consigo mesmo (2.Cor 5,19), de modo que o mundo tem a sua salvação em Cristo já agora. É preciso apenas aceitá-la. Portanto, os que são enviados se dirigem àquele mundo, ao qual Deus sacrificou o seu Filho. É o mundo que Deus não deixou de amar, é o mundo que pelo amor de Deus é salvo.

5) A salvação definitiva, porém, a cristandade espera de um nôvo mundo (2. Pedro 3,13). O velho passa, está condenado a desaparecer. O velho mundo, isto é justamente aquêle mundo do pecado, da morte e dos sofrimentos. Aparece o nôvo mundo de Deus, o mundo do amor, da vida, da justiça, o mundo que corresponde às intenções criadoras de Deus.

Entretanto, devemos precaver-nos contra um conceito errôneo. Se a Bíblia contrapõe o nôvo mundo ao velho, então não se pode entender isso assim, como se o nôvo mundo fôsse exclusivamente uma grandeza do futuro, do transcendente, do além. Certo é que a nova criação permanece sendo objeto de esperança dos cristãos.

Virá o dia em que Deus porá têrmo aos sofrimentos, à morte e ao mal, e, não obstante, êsse nôvo mundo já aqui, na terra, hoje se pode concretizar e isso acontece, onde alguém está "em Cristo". Em 2. Cor 5,17 lemos: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." É neste nosso mundo que o velho deve desaparecer para ceder lugar ao mundo reconciliado que em Cristo já foi estabelecido e criado. Onde reinarem fé, amor e esperança, onde houver justiça, consôlo e confiança, ali vislumbra ao menos uma parte dêste nôvo mundo, pelo qual a humanidade tem fome e sêde. Que os cristãos são enviados ao mundo, significa, sob êsse aspecto, que êles são enviados a um mundo chamado para se tornar cada vez mais o mundo nôvo de Deus.

Algumas consequências, resultando da observação dêsses diferentes aspectos do têrmo mundo, parecem-me notáveis:

Se falarmos, na Igreja, do "mundo" devemos observar todos os aspectos destacados. Onde cristãos desprezam o mundo, onde o têrmo tem apenas conteúdo negativo, onde o mundano por ser mundano fôr incriminado, rejeitado, odiado, menosprezado, ali é esquecido que o mundo permanece sendo a criação de Deus, à qual Deus enviou o seu Filho. Os cristãos têm direito algum de odiar o que Deus amou. Além disso, quem se separa do mundo profano, quem se distancia como crente dos julgados pecadores, êsse não sabe que êle mesmo não deixa de ser pecador e que êle continua sendo uma parte dêsse mundo pecaminoso, ao qual êle se julga tão imensamente superior. Cristãos não levam ao mundo a mensagem do juízo, mas a do amor de Deus, e onde os enviados não amarem o mundo, ao qual são enviados, ali a sua missão fracassou.

Por outro lado, naturalmente, é preciso dizer que a mensagem cristã dá motivo algum para endeusar o mundo, no qual vivemos. O mundo não é Deus e a criação não pode ser adorada como o próprio criador. Objetividade nos nossos juízos por sôbre o mundo é exigência indispensável. Quem se identifica com o mundo sem reservas, quem aprova, em falta de crítica, o que no mundo acontece e o que se faz, quem se entrega ao mundo desenfreadamente, êste esquece que Deus não amou o pecado, mas o pecador, e isso é algo diferente. Posições extremas representam perigo também para a Igreja. Ela deve defender-se sempre de nôvo contra uma condenação impiedosa do mundo por um lado e contra a apoteose entusiástica do mesmo por outro. Ambas as atitudes são igualmente perigosas para a cristandade.

O exame do têrmo "mundo" encaminhou a resposta às perguntas, porque cristãos são enviados ao mundo e qual a sua mensagem. Certamente nos lembramos da ordem de Jesus Cristo, dada aos seus discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos de tôdas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19). Essa ordem em si, no entanto, não basta para justificar a missão dos cristãos. Ela seria insuficiente, se não fôsse precedida pelas palavras: "Tôda a autoridade me foi da-



da no céu e na terra” (Mt 28,18). É no conteúdo da mensagem que reside o motivo da missão dos cristãos. Jesus é o Senhor do mundo e o seu domínio significa o domínio do amor, do perdão, da graça, da verdade e da justiça. O mundo não deve permanecer assim como êle é, pois Deus amou ao mundo e o quer sanar. E nós, os seus emissários, anunciamos o amor, cuja concretização visível é Jesus Cristo. O apóstolo Paulo percorreu o mundo de então quase como um possesso — por que? Porque experimentara a graça regeneradora e o amor salvífico de Deus, porque experimentara o Senhorio redentor de Jesus Cristo. E a grande legião de missionários anônimos, levando a efeito a grandiosa obra missionária da primeira cristandade, recebeu os seus impulsos pela mesma experiência e convicção. Os cristãos são devedores do mundo, porque lhe devem a mensagem pela qual os homens anseiam, seja explicitamente ou não.

A mensagem bíblica é universal e de alcance universal. Onde reduzirmos a autoridade de Cristo a alguns setores exclusivos do nosso mundo, ali negamos o seu domínio universal e não mais correspondemos à nossa responsabilidade, expressa nas palavras de Jesus: “Vós sois a luz do mundo.” Deus amou o mundo e se amarmos o mundo tal qual Ele o amou, então não podemos a não ser propagar e divulgar o que cremos. A posse do evangelho não é privilégio de uns poucos, o evangelho é destinado a todo o mundo.

Resumo: Nós somos enviados ao mundo, porque amor, fé e esperança devem reinar entre os homens, e isso significa: que Jesus Cristo deve reinar.

## II. *Como realizou a primeira cristandade a sua missão ao mundo?*

O nosso mundo de hoje é diferente do de então. Ciência e técnica transformaram a nossa vida, proporcionando-nos mais saber, mais possibilidades, mais poder, mas também mais problemas. Por isso não podemos copiar simplesmente os métodos missionários da primeira cristandade, mas devemos achar os nossos próprios. Todavia, um retrospecto à prática missionária da primeira cristandade poderá ser imensamente instrutivo. Talvez possamos descobrir alguns princípios que não deveríamos ignorar nos dias de hoje.

1) Em primeiro lugar podemos registrar uma notável adaptação dos cristãos ao mundo. Para muitos dos nossos contemporâneos a diversidade e as divergências do testemunho bíblico constituem problema. Mateus diverge de Marcos e Lucas, êsses novamente de João, Paulo não escreve exatamente o mesmo como Pedro e Tiago, etc. Mas quem sabe um pouco da história da primeira cristandade, sabe que assim tem de ser. Pois os gregos tinham outras perguntas e outros problemas do que os judeus, e as comunidades da Síria eram confrontadas com outras dificuldades

e com um outro ambiente do que a comunidade de Jerusalém. E cada vez tinha de ser achada uma resposta à pergunta: Que significa crer em Cristo, que significa ser cristão no nosso ambiente específico? A pregação cristã deve adaptar-se, de certa forma, ao ouvinte, o que foi formulado de maneira clássica por Paulo em 1. Cor. 9,19 ss: "Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus;" etc. Isso não é um simples truque, mas uma necessidade, resultando da universalidade da mensagem cristã. Pois é indispensável que os homens entendam a mensagem. Sim, justamente porque a mensagem cristã deve permanecer a mesma, é necessário que ela seja pregada a pessoas diferentes de maneira diferente. O conteúdo deve permanecer o mesmo, mas para que isso aconteça, é necessário adaptar a forma de pregação aos conceitos, à língua, às condições de compreensão dos homens e da sociedade respectiva.

O conteúdo da prédica é o constante, a forma da pregação é o variável. Quem analisar atentamente a 1.<sup>a</sup> carta aos Coríntios e a carta aos Romanos, irá descobrir que o mesmo autor, Paulo, emprega linguagem, termos e conceitos ambas as vezes diferentes e isso, apesar de ser o conteúdo essencialmente o mesmo. A doutrina da justificação pela fé, por exemplo, abrange em Romanos largo espaço, enquanto que uma terminologia respectiva se omite quase que totalmente no escrito aos coríntios. E não obstante, também a êsses cristãos Paulo prega justificação pela graça e pela fé, se bem que em novos termos. Isso mostra de maneira exemplar a adaptação de Paulo aos seus leitores gregos. Falta de adaptação nesse sentido igualar-se-ia a uma falta de amor.

Também em outros setores da vida cristã aparece uma tal adaptação. Aos filipenses Paulo escreve: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (cap. 4,8). O cristão certamente não deriva as normas do seu agir do mundo, mas êle pode agir, não obstante, em conformidade com princípios profanos, desde que êsses correspondam ao evangelho. Isso quer dizer, nem tudo o que é "mundano" deve ser rejeitado necessariamente. Antes, os cristãos são chamados a discernir o aceitável, o bom, o proveitoso. A atitude cristã frente ao mundo jamais pode resumir-se em mero protesto, ela também pode estar em conformidade com devisas do mundo não-cristão e até certo ponto, nelas orientar-se.

Basta acrescentar que o amor pode, inclusive, exigir adaptação dos cristãos a costumes e a práticas que em si são relativos e indiferentes. Naturalmente, existem escândalos necessários, existem protestos que devem ser manifestados, mas constitui falta de prudência e falta de amor causar escândalos supérfluos. Em

tais casos surge a suspeita de que o meu individualismo é a causa promotora do meu protesto.

Conclusão: Uma certa adaptação ao mundo é, para o melhor desempenho da missão dos cristãos, necessário e resulta da exigência do amor ao próximo. Também Deus se adaptou a nós, tornando-se homem em Jesus Cristo. Ele o fez para que nós o pudessemos ouvir e entender.

2) Por outro lado observamos na primeira cristandade um claro distanciamento do mundo. "Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo." lemos em 1. João 2,15. Como deve ser entendido isso? É o mundo do mal que não deve ser amado. Quem serve a Deus, não mais pode servir ao mal, pois Cristo nos libertou do jugo do pecado, ele nos livrou dos poderes escravizantes, de modo que não podemos voltar para trás e amar as cadeias, das quais fomos e seremos definitivamente libertados na perfeição. Sem dúvida, também os cristãos ainda estão sujeitos a pecar, mas eles jamais podem amar o pecado. Em formulação paradoxal eu diria: Nós amamos o mundo dos pecadores, mas odiamos o mundo do pecado, porque ele contradiz o senhorio de Deus. Quem amar o mundo nesse sentido, esse é capaz de amar a Deus e aos homens.

Essa atitude crítica frente ao mundo se mostra no Novo Testamento nitidamente. Quando, em Corinto, membros da comunidade se tinham entregado a uma vida extravagante e desenfreada, o apóstolo Paulo reagiu fortemente. "Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" — assim ele pergunta (1. Cor. 3,16). E as múltiplas exortações encontradas no Novo Testamento têm o sentido de conscientizar os cristãos da novidade de vida, na qual são chamados a andarem.

De maneira mais ampla podemos dizer que o movimento cristão é um forte protesto contra as maldades e as deficiências deste mundo. Se Jesus expulsa os demônios, se ele desmascara a maldade, disfarçada em caridade, dos fariseus, se ele perdoa, onde outros condenam, se Deus julga a fé e não as obras, então isso significa um forte protesto contra o estado atual em que vive o mundo. Por natureza a cristandade não se pode conformar com um mundo em estado precário, ela não pode aderir às vozes, dizendo: Sempre era assim e sempre será assim. Um exemplo concreto do Novo Testamento:

A estrutura da antiga sociedade era patriarcal. A escravatura era algo normal, a subordinação da mulher sob o homem lei inviolável. O cristianismo primitivo não chamou a uma revolta armada contra as imposições sociais de então. Isso aos olhos de muitos dos nossos contemporâneos parece ter sido grave erro, a saber que o cristianismo não desencadeou um movimento de protesto contra as estruturas sociais de então. Contudo, apesar de o cristianismo primitivo não ter se engajado em revolução, há

um distanciamento muito forte justamente dessa sociedade. O apóstolo Paulo escreve em Gal. 3,28: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." Por intemédio dessa sentença está sendo desfechado um golpe tremendo contra a antiga forma da sociedade, pois a afirmação de Paulo tem por conseqüência natural o rompimento das barreiras raciais, nacionais, a emancipação da mulher, a abolição da escravidão e do sistema patriarcal. Embora êsse sistema continuasse a persistir, embora tôda a cristandade não se empenhasse em removê-lo oficialmente por lei, surge aqui o protesto claro contra algo que não deveria ser. Quando Paulo enviou Onésimo, o escravo fugitivo, de volta a Filemom, o senhor e proprietário, êle, em verdade, não exigiu que Filemom o libertasse. E não obstante, se Paulo dirige a Filemom o pedido de receber Onésimo não como escravo, mas como irmão caríssimo, então isso corresponde praticamente a uma abolição da escravidão. Algo análogo ocorre no que diz respeito ao convívio de homem e mulher. O Nôvo Testamento exige, dentro dos moldes patriarcais, submissão da espôsa ao marido. Todavia, a exortação, dizendo que os maridos têm a obrigação de amar a espôsa, significa na realidade que o marido não pode tratar a espôsa como submissa (conf. Filip. 2,31). O autor de 1. Pedro realça, além do mais, que marido e espôsa são juntamente herdeiros da mesma graça, sendo, portanto, perante Deus iguais (cap. 3,7). O evangelho prega uma nova liberdade que contradiz normas e estruturas válidas no mundo. E se o cristianismo não chamou às armas para renovar por violência a sociedade mundana, então não o fêz, porque essa nova liberdade deve ser pregada como evangelho e não como programa político ou social. O lugar, onde as estruturas tradicionais e injustas devem ser superadas, é, por excelência, o âmbito da própria Igreja. É nela que o nôvo mundo de Deus se deve concretizar, antes de tudo e em primeiro lugar.

Êsses exemplos mostram que a Igreja antiga vivia em certo distanciamento do mundo e do ambiente que a cercava. O evangelho, onde êle fôr devidamente pregado, critica instituições humanas, criando um nôvo mundo em meio do velho. A vida da Igreja, as suas normas éticas e sociais não podem ser derivadas simplesmente do que no mundo está em voga, cristãos não são mais dêste mundo, integrados nêle e por êle dirigidos. A Igreja se orienta no nôvo mundo de Deus, e isso representa posição extremamente crítica frente a muito o que no mundo há e se faz. Adaptação ao mundo e distanciamento do mesmo são exigências igualmente importantes, se a Igreja pretende ser o sal da terra e a luz do mundo.

3) Um último aspecto deve ser frisado. É a solidariedade com o mundo, na qual vive o cristão. Sòmente quem se sabe solidário com os homens, pode ajudar-lhes. Deus se tornou homem, Jesus compartilhou a sorte dos miseráveis, dos expulsos da sociedade,

dos que sofrem, dos que morrem, dos alegres e dos tristes, dos abatidos e dos desprezados. Nisso reconhecemos o seu amor. Amor naturalmente não está em condições de aprovar tôdas as coisas — um tal amor seria fraqueza —, mas o amor se sabe unido com o outro, sentado no mesmo barco, vivendo no mesmo mundo e participando dos mesmos problemas, das mesmas perguntas. Quem se considera justo, jamais pode ajudar ao pecador, unicamente o pecador perdoado o pode. Além disso, cristãos não podem esquecer que, se forem justos, o são por graça imerecida. Uma soberbia espiritual, moral e religiosa, traçando linhas divisórias claras entre os maus e os bons, entre os crentes e os descrentes, entre os prontos e os afetados, uma tal soberbia é cruel, deshumana, diabólica. Jesus Cristo assim não agiu, êle se dirigiu como simples homem aos homens, e sejamos alertados por suas palavras, lançadas aos supostos justos como desafio: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus” (Mt 21,31).

O distanciamento do mundo, do qual antes falei, jamais pode ter por conseqüência uma separação do mundo que seria idêntica com uma ruptura da solidariedade com os homens. Não sendo mais do mundo, os cristãos vivem, não obstante, no mundo até a consumação dos séculos. E até essa data somos sujeitos às tentações, aos sofrimentos, a tôda a sorte de problemas tão bem como qualquer outro cidadão dessa terra. “Enviados ao mundo” significa justamente isso: Compartilhar os problemas dos demais homens, as suas alegrias, ser-lhes irmãos, assim como Deus se tornou o nosso irmão em Jesus Cristo. Essa solidariedade o apóstolo Paulo tem em vista, quando exorta os romanos (cap. 12,15): “Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram.” E de que necessitam os homens mais do que dessa solidariedade que os arranca da sua imensa solidão, da sua culpa e da sua miséria? Solidarização não significa identificação com o mundo, pois a solidariedade cristã sempre será uma solidariedade crítica, mas uma falta de tal solidariedade é, por um lado, um evidente sinal de falta de amor e, por outro, um equívoco tremendo no que concerne a situação do cristão no mundo. Êle não é perfeito, êle continua a caminho da perfeição, assim como Paulo o diz no oitavo capítulo de sua carta aos Romanos: Juntamente com tôda a criação gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos e a redenção do nosso corpo.

Segundo a Bíblia os cristãos são enviados ao mundo, porque Deus amou a sua criação desobediente. Êles são os propagadores dessa mensagem salvífica que em Jesus Cristo tem o seu fundamento e a sua razão. O amor de Deus exige dos enviados aquêle mesmo amor que no desempenho da sua missão se revela em adaptação ao mundo, em distanciamento crítico do mesmo e em solidariedade com os homens. Onde faltar sequer um desses elementos, ali surge o perigo de ser condenada a malôgro a nossa missão.

É isso que teològicamente me parecia ser de importância. O que devemos fazer agora, é confrontar a realidade da nossa Igreja com os resultados obtidos nêsse estudo teològico. Os métodos missionários certamente não poderão ser exatamente os mesmos, hoje e antigamente, já que vivemos num mundo diferente, mas a mensagem é idêntica e os perigos da Igreja se nos apresentam de forma semelhante. Eu não posso analisar de maneira ampla a situação e a prática da Igreja atual. Além disso cada pastor e cada comunidade são chamados em particular a prestar contas do seu serviço e a examinar até que ponto têm correspondido à missão, da qual foram incumbidos. E, não obstante, eu gostaria de apontar alguns perigos, contra os quais deveríamos precaver-nos. Talvez possam êsses itens servir de base para uma discussão e para uma conscientização de como temos de levar o evangelho aos povos, hoje, no século XX, como Igreja evangélica.

### III. *Perigos da Igreja atual.*

1) Uma primeira ameaça da Igreja consiste numa emigração dos cristãos do mundo. Sob êsse têrmo entendo uma separação de mundo profano e Igreja, tendo por conseqüência que ambas as grandezas se tornem estranhas uma à outra. Uma tal emigração dos cristãos pode ser intencionada e pode ser não-intencionada. Ela é intencionada no momento em que cristãos se retiram do mundo mau e vivem uma existência exclusiva como "santos", cujas relações com os descrentes foram cortadas. Numa tal emigração se revela, como eu já tive oportunidade de afirmar, falta de amor. Mas talvez seja mais perigosa para a nossa Igreja uma emigração involutária, manifestando-se no sintoma lamentável de que os homens, os nossos concidadãos, não mais acreditam no que dizemos. A Igreja nada tem a dizer ao mundo. Isso implica no problema da nossa prédica.

a) Que a prédica, muitas vêzes, não atinge o homem moderno, tem o seu motivo, não raro, no fato de não ser suficientemente adaptada aos ouvintes. Creio que sempre de nôvo temos de aprender que não transmitimos uma mensagem velha, mas nova. Por isso não podemos nos limitar a uma simples recapitulação de algo já demasiadamente conhecido. A prédica requer de nós o esforço de dizer a mesma mensagem em têrmos novos e atuais. O texto bíblico, êle só, não basta como fundamento da boa prédica, pois o segundo pilar, por sôbre o qual a proclamação está apoiada, é o próprio ouvinte. A calamidade de muitas prédicas e de muito testemunho pessoal reside, ao meu ver, em que não conhecemos suficientemente o homem, ao qual pregamos — aquêle homem cético, crítico, muitas vêzes tão problemático, vivendo num mundo, ao qual a Igreja aparentemente não tem acesso. Assim começa o processo de alienação entre Igreja e mundo. Aqui devemos achar novos caminhos que se nos abrem no momento,

em que fomos capazes de coordenar na própria prédica adaptação ao mundo, distanciamento do mesmo e solidariedade com o ouvinte. O ato de pregar está sendo empreendido, em muitos casos, com demasiada despreocupação e facilidade. Não é difícil dar um testemunho pessoal, mas pregar requer preparo, estudo, responsabilidade, porque à prédica pertence inseparavelmente o ouvinte. As comunidades deveriam compreender que a formação de pastores exige um estudo teológico profundo, pois na teologia nós nos conscientizamos das bases da nossa fé e não queremos correr o risco de que os nossos futuros pastores não tenham o que dizer aos homens de hoje. Mas a formação de pastores exige também um estudo responsável do homem e da sociedade, na qual vivemos. Ambas as coisas são igualmente importantes, pois onde a Igreja perde o contato com os homens "lá fora," ali ela se isola e inicia a emigração dos homens da Igreja.

b) Um segundo e terceiro problema estão relacionados com esse primerio: A Igreja não pode concentrar o seu interesse no indivíduo e na sua alma exclusivamente. Deus não quer salvar unicamente a nossa alma, mas o homem todo. Um dualismo, dividindo o homem em duas partes, corpo e alma, e distinguindo, portanto, entre vida corporal e vida espiritual, é antibíblico. Por isso a Igreja não pode consentir em que do seu interesse seja apenas a alma, a vida espiritual do indivíduo. Ela deve preocupar-se também com as necessidades e os problemas do corpo. O homem é um só, e ele não tem duas vidas, mas uma só. E este homem, com aquela uma vida que ele tem, vive em muitas relações, como membro de uma sociedade determinada, como profissional, como pai ou mãe de família, como solteiro, casado, como consumidor das ofertas da indústria, como cooperador na evolução técnica e nacional, como cidadão, como representante de uma determinada raça, nação, como herdeiro de tradições culturais, ideológicas e como religioso. Se a Igreja pretende atingir com a sua mensagem o homem moderno, ela não pode ignorar o ambiente específico, ela não pode ignorar essas múltiplas relações e obrigações desse homem, pelo qual Cristo também foi morto. As atividades da Igreja, seja prédica, ensino, seja trabalho social, etc. têm implicâncias públicas. Os cristãos não são enviados à alma do próximo, mas ao mundo. Isso naturalmente não significa que a Igreja devesse dar o seu palpite com referência a todos os problemas da vida pública — em certos casos talvez seja necessário também isso —, mas ela deve proclamar o Senhorio de Jesus Cristo por sobre todos os setores da vida humana, caso contrário ela trai o Senhor do mundo.

c) O que tenho de citar como ponto três, é uma decorrência dessa indivisibilidade do homem. Também nas nossas comunidades se faz sentir freqüentemente uma separação ilegítima de mundo profano e de mundo religioso. Isso se concretiza de duas formas, ambas extremamente perigosas. Por um lado registra-se uma esquizofrenia do próprio cristão que é religioso apenas es-

porãdicamente, a saber, aos domingos, dentro dos recintos sagrados, e no contato com órgãos e entidades religiosos. Muitos não querem ser a-religiosos, mas a sua religiosidade abrange apenas parte dos setores de sua vida, vivendo o homem dessarte em duas esferas, a profana e a religiosa. Na profissão, na família, na vida particular a religião não se projeta, não se manifesta, de modo que pode surgir a grande mentira, que é flagelo também em setores profanos, que ora se diz assim, ora assim, que uma vez se age assim, outra vez de maneira diferente. Se a simples chegada de um pastor provoca uma transformação completa de um ambiente ainda antes normal, algo está errado, ou no pastor, ou nos membros da comunidade. Tais coisas nutrem e cultivam a hipocrisia dentro da Igreja. Como cristãos deveríamos aprender de novo o significado da introdução ao decálogo, dizendo: "Eu sou o Senhor teu Deus," pois o Senhorio de Deus se estende por sobre tôdas as atividades da nossa vida. Ele está presente tanto no baile, como no negócio e no culto dominical. Se um pensamento social não tiver possibilidades de ingressar nem mesmo nas nossas próprias comunidades, se nós mesmos não agirmos em espírito social, como poderemos exigi-lo dos outros? O mundo de Deus quer irromper no nosso mundo, mas onde êle poderá concretizar-se, se não em primeiro lugar dentro da Igreja? O que urge aqui, é uma integração de mundo profano e religioso, pois somente o que vivemos é, em última análise, o que realmente cremos.

Também em outro sentido uma separação de mundo profano e mundo religioso prejudica a nossa missão ao mundo. Essa existe ali, onde a comunidade está sendo compreendida como mero clube religioso ou como sociedade à maneira de muitas outras. Nesse caso o pastor tem como função única — eu peço perdão pela formulação — a tarefa de satisfazer necessidades religiosas, de dar um enfeite sacral aos acontecimentos mais importantes da nossa vida, como nascimento, casamento e entêrro. A Igreja está aí apenas para servir em determinados casos em que outros não podem prestar serviço análogo. De uma missão ao mundo não se pode falar, sob tais condições, seria ridículo, pois somente os que querem ser servidos, constituem os membros da Igreja, ficando a associação a critério de cada um. Uma tal mentalidade contradiz a natureza da Igreja e seria equivalente a uma perda total da mensagem evangélica. Comunidade é sempre comunidade para os povos, por isso ela deve abrir as suas portas para dar ingresso a todos, ela deve descobrir a sua responsabilidade para a sociedade em que vive, ela não deveria entender-se como simples sociedade religiosa, mas como Igreja, cuja responsabilidade ultrapassa os limites das comunidades locais. Um particularismo comunitário é uma contradição em si e contradiz o fato de sermos enviados ao mundo. Particularismo e exclusividade das comunidades representam uma forma sutil de emigração dos cristãos do mundo, representam uma concentração egoísta e tôla em si mesmo. Mas não nos enganemos: Onde nós emigramos do mundo e dêle



nos isolamos, ali o mundo irá emigrar da Igreja, sendo que o amor de Deus não mais alcança o mundo que por êle tanto espera.

2) Um segundo tipo de perigo, também encontrado na nossa Igreja, consiste numa identificação entusiástica com o mundo ou na imitação não-crítica de formas de vivência mundana. Ao meu ver um certo relativismo religioso tem aqui uma das suas causas. Observa-se que em tôda a parte velhas tradições são abolidas, antigas barreiras são arrancadas. A civilização européia conquistou o nosso globo e está em processo de uniformizar a humanidade. Tradições exclusivas e particulares estão sendo superadas e esquecidas, os meios de comunicação tornaram o mundo menor, por rádio e televisão obtemos rápidas e detalhadas informações, o que faz com o homem moderno se torne sempre mais uniforme. Essa uniformização é transposta também ao setor da Igreja e da religião. Muitos dos nossos contemporâneos simplesmente não compreendem mais o que separa as diferentes denominações, opinando serem apenas tradições antiquadas que impedem a unidade. Isso é de certa forma perigoso. Não porque defendêssemos tradições a serem abolidas, mas porque essa mentalidade não vence os obstáculos, mas dêles desvia. Sem dúvida, é necessário que a Igreja ache a sua unidade, mas essa unidade não pode ser comprada pelo preço do relativismo. Além disso, o que encaminhamos não é uma uniformidade, mas uma verdadeira unidade, uma meta, da qual também um mundo uniforme ainda está longe. Um relativismo religioso dêsse tipo está ameaçado a perder o último resto de sua substância religiosa para ganhar, talvez, uma uniformidade superficial. No diálogo com os que não têm fé idêntica à nossa, só poderemos chegar a um verdadeiro acôrdo, se viermos com mãos cheias, para que, em troca mútua das nossas riquezas, achemos uns aos outros. O que no mundo observamos, não pode ser aplicado, sem reserva alguma, à Igreja. Um relativismo religioso, nesse sentido, representa falta de crítica perante a realidade e pobreza no que diz respeito ao conteúdo da fé.

Um outro perigo é representado por um modernismo eclesiástico inadequado. Acontece que cristãos se apresentam de forma acentuadamente "mundana" para não serem considerados "atrasados" e para causarem impressão. Formas profanas servem, nesse caso, de padrão para a vida da Igreja, a linguagem é conscientemente vulgar e a conduta dos cristãos reflete a vontade explícita de participar da dianteira da humanidade, o que se expressa, muitas vêzes, num radicalismo frente às velhas tradições. É natural que a Igreja deve acompanhar o mundo, isto eu já salientei, mas um modernismo artificial, pretencioso e radical tem pouca chance de convencer. Formas modernas não podem substituir a falta de conteúdo. Tanto o modernismo, copiando e imitando o que se julga ser o mundo, como também o apêgo ao antiquado escolhem critérios de orientação alheios ao evangelho.

E ainda um último problema. A Igreja cedeu, em sua História, repetidas vezes à tentação de legitimar com a sua bênção instituições, ideologias e correntes semelhantes do seu tempo. Ela não se opôs a que fôsse abusada para o sancionamento de coisas suspeitas. A Igreja sancionou guerras, injustiças, um nacionalismo fanático, por vezes até a serviço de ambições particulares. O catálogo dos pecados da Igreja é longo. A Igreja, porém, não pode identificar-se de maneira integral com fenômenos puramente profanos, ela pode oferecer a sua colaboração, isto sim, mas essa colaboração jamais poderá ter a feição de um sancionamento sacral; pois os cristãos são responsáveis àquele supremo Senhor que nem sempre aprova o que nós desejamos. A orientação em Deus e em sua vontade dá à Igreja grande liberdade mas ela pode perder essa liberdade e isso acontece, quando ela se prende a homens, a ideologias, a programas revolucionários ou tradicionalistas, quando ela se torna escrava do mundo. Tudo o que há no mundo, quer tenha o cunho de progressivo ou de conservador, quer de justo ou de injusto, de velho ou de novo, merece, antes da aceitação um exame crítico. Distanciamento do mundo deveria ser possível para os cristãos, porque a fé em Deus nos dispensa da fé no mundo e em coisas mundanas. Quem crê em Deus não precisa crer na criação.

Estou cômico de que muitas perguntas permaneceram abertas, solicitando respostas. Mas não posso respondê-las em sentido completo e total, porque, em última análise, cada um tem a sua responsabilidade particular. O tema "enviados ao mundo" parece-me sugerir o problema, como poderemos amar adequadamente o mundo amado por Deus, e isso significa, ao meu ver, como poderemos coordenar corretamente a adaptação ao mundo, o distanciamento do mesmo e a solidariedade com os homens no nosso agir e pregar. Ver os problemas, entretanto, significa estar a caminho da solução. E é preciso conscientizarmo-nos dos problemas, porque desejamos permanecer fiéis ao nosso Senhor.

Doz. Dr. G. Brakemeier

# Brasilianische Diakonie auf neuen Wegen

Die Ausserordentliche Kirchenversammlung vom Oktober 1968 in São Paulo, durch die sich die vorher getrennten evangelischen Synoden deutscher Herkunft in Brasilien vereinigt haben, gehört ohne Zweifel zu den wichtigsten und bedeutungsvollen geschichtlichen Ereignissen der Evangelischen Kirche in Südamerika. Durch die Neukonstituierung (Reestruturacão) der ausdehnungs- und zahlenmässig relativ grossen Evangelischen Kirche lutherischen Bekenntnisses in Brasilien mit nahezu 700.000 Mitgliedern wurden alte überholte Formen überwunden und eine tragfähige Basis dafür geschaffen, dass die mancherlei sichtbaren Neuansätze im Leben der EKLK folgerichtig sich zu entwickeln die Möglichkeit haben, was auch für den diakonischen Sektor zutrifft.

Obwohl schon die "Grundordnung des Bundes der Synoden" von 1949 eine gesamtkirchliche Aufgabe darin sah, Anstalten zur Ausbildung von Diakonen und Diakonissen zu fördern und zu unterstützen (III,2) und das Recht beanspruchte, Grundsätze für die wissenschaftliche und praktische Ausbildung der Diakone und Diakonissen aufzustellen und Einrichtungen für die Ordnung ihrer Rechtsverhältnisse und ihrer wirtschaftlichen Versorgung im Amte und im Ruhestand zu treffen (III,3), so waren die damaligen Voraussetzungen und Möglichkeiten für die Realisierung dieser echten kirchenamtlichen Aufgaben doch recht schwach und gering.

Wohl gab es in der Riograndenser Synode seit 1939 ein eigenes Diakonissen-Mutterhaus, das aus der Arbeit der seit 1913 in Brasilien tätigen Wittenberger Diakonissen herausgewachsen ist und das durch seinen Gründer und ersten Vorsteher, Pastor Johannes Raspe, durch alle Schwierigkeiten des Neuanfanges zu einer Anstalt ausgebaut werden konnte, die heute als Hauptpfeiler kirchlich-diakonischer Arbeit allgemein anerkannt und geschätzt wird, auch wenn ihre künftige Stellung als Diakonissen-Mutterhaus der Gesamtkirche noch einer ausreichenden Klärung bedarf.

Es gab auch verantwortungsbewusste Männer in den vier evangelischen Synoden deutscher Herkunft, die sich Gedanken darüber machten, ob die Männliche Diakonie nicht auch in Brasilien konkrete Aufgaben erfüllen und vorhandene Lücken im kirchlichen Leben schliessen könnte, weshalb man durch die Berufung von Diakonen aus verschiedenen deutschen Brüderhäusern einen diesbezüglichen Versuch machte. Da diesen Diakonen aber die gemeinsame organisatorische Ausrichtung und berufliche Betreuung fehlte, war das Ergebnis dieser Bemühungen aufs Ganze gesehen recht schwach

und stand in keinem befriedigenden Verhältnis zu den tatsächlichen diakonischen Aufgaben und Möglichkeiten, weshalb man damals kaum ernstlich an die Gründung einer bodenständigen Diakonenanstalt dachte, auch wenn man eine solche gelegentlich in Erwägung zog.

So mussten die auf die Diakonie bezogenen Sätze der alten Synodalbund-Grundordnung einstweilen hauptsächlich als in die Zukunft weisende Überlegungen und Ausführungen verstanden werden, wodurch das Bewusstsein kirchlich-diakonischer Verantwortung und die Richtigkeit des Ansatzes für eine gesamtkirchliche Aufgabe dokumentiert und sichtbar wurde. Allerdings stand der Verwirklichung dieser Aufgaben auf gesamtkirchlicher Ebene besonders die juristische Selbständigkeit der vier Gliedsynoden im Wege, die noch weitere 19 Jahre dauern sollte, und die finanzielle Abhängigkeit vom Ausland, zu deren Überwindung heute ernsthafte und verheissungsvolle Anstrengungen gemacht werden.

Inzwischen hat sich nun einiges im diakonischen Bereich der EKLK verändert. Neben der langsamen, aber positiven Aufwärtsentwicklung des Diakonissen-Mutterhauses in Südbrasilien ist in über 2000 Kilometer Entfernung davon das Brüderhaus der Fundação Diacônica Lutherana in Lagoa Serra Pelada entstanden, das, am 22. 2. 1956 als Bibelschule gegründet, aus der Not der täglichen Gemeindegemeinschaft herausgewachsen ist und sich zu einer lebensfähigen Diakonenanstalt mit starker Ausstrahlungskraft entwickelt hat. Auch auf anderen Gebieten kam es zu erfreulichen Neuansätzen im diakonischen Bereich, die als positive Zeichen neuen kirchlichen Lebens gewertet werden müssen und nach kirchenamtlicher Einordnung und Orientierung drängen.

Dass die Notwendigkeit einer Neuordnung und Zusammenfassung der diakonischen Arbeit von der Kirchenleitung erkannt und ernst genommen wird, ist aus der Gründung eines Diakonischen Werkes der EKLK ersichtlich, zu dessen erstem Leiter der Diakonissenpfarrer Rolf Droste mit Wirkung vom 1. 3. 1967 vom Rat berufen und am 2. 7. 1967 in der Christuskirche zu São Leopoldo von Kirchenpräsident D. Schlieper eingeführt wurde. Bereits im September 1963 war die Errichtung eines solchen gesamtkirchlichen diakonischen Werkes anlässlich des Besuches von Präses Karl Gottschald und Präses Fritz Vath in Lagoa vom Brüderhausvorsteher vorgeschlagen worden. Da dieser Vorschlag 1967 zwar verwirklicht wurde, das neue Amt vorerst aber hauptsächlich nur repräsentativen Charakter hatte, konnte es bisher auch noch nicht so entfaltet werden, wie es den tatsächlichen Bedürfnissen der Diakonie entsprochen hätte.

Ein gesamtkirchliches diakonisches Werk trägt seinen Namen nur dann zu Recht, wenn es in seiner Zusammensetzung und Arbeitsweise so gestaltet ist, dass alle diakonischen Zweige im kirchlichen Bereich darin vertreten sind, gemeinsame Beratungs- und Aussprachemöglichkeiten haben, und dadurch die vielfältigen

diakonischen Arbeitsgebiete aufeinander abgestimmt und koordiniert werden können. Da man davon in der Praxis noch weit entfernt ist, weil das Diakonische Werk der EKLB zwar einen Leiter, aber kein entsprechend funktionierendes Arbeitsgremium hat, besteht hier eine echte und dringende Aufgabe, die so bald wie möglich in Angriff genommen werden sollte. Dabei können die neue "Konstitution der EKLB" und ihr ebenfalls neues "Regimento Interno" von São Paulo, sowie die neue "Ordnung des kirchlichen Lebens" als gute Vorarbeit und brauchbare Basis dienen, da in allen drei Dokumenten die Diakonie mit ihren Aufgaben und Zielsetzungen klar und deutlich verankert ist.

Eine nicht zu unterschätzende Aufgabe auf gesamtkirchlicher Ebene wird die Neuordnung der diakonischen Ausbildung sein. Obwohl die Ausbildungsgänge des Mutterhauses und des Brüderhauses noch stark an den Vorbildern klassischer Diakoniausbildung Fliednerscher und Wichernscher Prägung orientiert sind, soweit das zur Wahrung einer biblisch begründeten und danach ausgerichteten Diakonie nötig und zeitgeschichtlich noch zu rechtfertigen ist, so hat man doch sowohl in São Leopoldo als auch in Lagoa nach eigenen Wegen gesucht, die der hiesigen Situation und den heutigen Erfordernissen Rechnung tragen.

Dazu gehört besonders die der sogenannten "Mittleren Reife" entsprechenden Gymnasialausbildung, die jetzt schon zu den fast selbstverständlichen Bildungsgrundlagen der künftigen brasilianischen Diakonissen und Diakone zählt. So werden die Probediakonissen in den Tages — bzw. Abendgymnasien von São Leopoldo oder an ihrem jeweiligen Einsatzort zusätzlich auf Sekundarschulebene ausgebildet, während für die Diakonenanwärter und Diakonieschwester der FDL das Ginásio Diacônico Lutherano als vordiakonischer Ausbildungszeit im Brüderhaus eingerichtet wurde.

Wenn man heute in der brasilianischen Diakonie grossen Wert auf die Gymnasialausbildung der Diakonissen und Diakone legt, so hat das nichts mit einem der Diakonie wesensfremden Geltungsbedürfnis zu tun, sondern ist eine notwendige Voraussetzung für den Zugang zu den für die diakonische Arbeit nötigen staatlichen Ausbildungswegen. Will die Diakonie auch künftig wie bisher in Krankenpflege, Sozialarbeit, Schul- und Ausbildungswesen präsent und aktiv sein, so kommt sie an den dafür vorgeschriebenen Ausbildungsgängen nicht vorbei, ohne sich daran zu beteiligen. Ausserdem würde es von vorne herein unnötige Schranken aufrichten und in zunehmendem Masse dem öffentlichen Ansehen der Diakonie schaden, wenn ihre hauptamtlichen Vertreter nicht wenigstens auf der Sekundarbildungsstufe stehen, die man in der bildungssüchtigen brasilianischen Umwelt heute schon für einfache Postbeamte und sonstige subalterne Angestellte anstrebt.

Sicher darf durch die "höhere Bildungsstufe" die Gefahr für die rechte innere Ausrichtung der diakonischen Persönlichkeit

nicht übersehen werden, soweit die biblischen Leitbilder von der "Magd des Herrn" und des "durch den Staub gehenden Dieners der geringsten Brüder Jesu Christi" davon betroffen sind. Doch besteht wohl kaum ein Zweifel darüber, dass man echte diakonische Gesinnung auch mit höherer Schulbildung haben kann, da man wahre diakonische Einstellung nicht nur dadurch zeigt, dass man den ganzen Tag mit Schürze und Putzleppen herumläuft, so wichtig die ständige Bereitschaft zu solchem von der ehrsüchtigen Welt verachteten Dienst für rechte Diakonissen und Diakone ist. Darum wird man trotz der künftigen obligatorischen Gymnasialvorbildung als Basis für die darauf aufbauende diakonische Ausbildung auch in Zukunft solchen Kandidaten den Zugang zum diakonischen Amt offen lassen müssen, denen die begabungsmässige Voraussetzung für eine höhere Schulbildung fehlen, dafür aber eine echte diakonische Berufung haben und diese durch wahrhaftige und treue Dienstbereitschaft unter Beweis stellen, sodass auch sie vollgültige Diakonissen und Diakone werden können. Gerade hier muss sichtbar werden, dass das diakonische Amt immer schon als ein charismatisch geprägter Beruf verstanden worden ist, in dem das geistliche Moment primäre Bedeutung hat und darum ausschlaggebend ist.

Da sich die Ausbildungsgänge in den beiden brasilienschen Diakonianstalten struktur- und wesensmässig sehr ähnlich sind (Vorprobezeit, die dem gegenseitigen Kennenlernen und der ersten Einführung in die Diakonie dient; Probezeit, die hauptsächlich der beruflichen Ausbildung für Krankenpflege, Gemeindegarbeit, Lehrtätigkeit usw. gewidmet ist, in der aber auch die diakoniewissenschaftlich-theologische Zurüstung einen ausreichenden Platz haben muss, und die mit der Einsegnung zum kirchlichen Amt der Diakonie abschliesst), drängt sich die Frage auf, ob es nicht in vieler Hinsicht angebracht wäre, die beiden bisher an getrennten Orten nebeneinander herlaufenden diakonischen Ausbildungswege weitgehendst zu vereinigen. Gewiss müsste die Vorprobe- und Einführungszeit weiterhin getrennt im Mutterhaus bzw. Brüderhaus erfolgen. Da aber schon für die krankenschwesterliche und katechetische Spezialausbildung die gleichen Schulen besucht werden, wodurch die jungen Schwestern und Brüder für mehrere Jahre zusammengeführt werden und miteinander leben und arbeiten, wäre es das Naheliegendste, auch die diakoniewissenschaftlich-theologische Zurüstung gemeinsam durchzuführen, was durch die Einrichtung eines kirchlichen Diakonieseminars möglich wäre.

Hier ist nun der Ort, an dem die Gesamtkirche zeigen und beweisen kann, dass sie sich für die in den kirchlichen Ordungen fest verankerte Diakonie auch in der Praxis verantwortlich weiss. Wenn kirchliche Diakonie ihren legitimen Platz in der verfassten Kirche hat, dann gehört es auch zu den unerlässlichen Aufgaben dieser Kirche, ihrer Diakonie eine entsprechende theologische Ausrustung zukommen zu lassen, wie sie das bereits für ihre Pfarrer

tüt. Die gemeinsame Ausbildung von Diakonissen und Diakonen in einem von der Gesamtkirche eingerichteten und orientierten Diakonieseminar liesse sich ohne weiteres in die Ausbildungsgänge des Mutterhauses und des Brüderhauses einbauen und würde für beide Diakoniestalten nicht nur eine spürbare Entlastung in bisherigen schwer durchzuführenden Aufgaben sein, sondern auch auf massgeblichem Gebiet Stärkung und Förderung bedeuten. Für die praktische Durchführung eines solchen Diakonieseminars gäbe es wohl kaum besondere Hindernisse zu überwinden, da diese Kurse von etwa einjähriger Dauer, deren Lehr-, Schul- und Prüfungsordnung unter Berücksichtigung entsprechender Vorschläge der diakonischen Ausbildungsanstalten ganz nach Gutdünken der Kirchenleitung gestaltet werden könnte, in Verbindung mit bereits bestehenden kirchlichen Ausbildungsstätten gut durchzuführen wären, wobei zunächst sowohl an das Mutterhaus und die Theologische Hochschule in São Leopoldo bzw. an das Katecheten- und Lehrerseminar in Ivoití, als auch an das Predigerseminar in Araras oder an das Brüderhaus in Lagoa gedacht werden sollte, falls man es nicht vorzieht, eine andere geeignete Stelle dafür auszuwählen. Da es sich jeweils um relativ kleine Unterrichtsgruppen handeln würde, liesse sich die Unterbringung und Versorgung an den bereits genannten Orten ohne grosse Schwierigkeiten finanzieller Art bewerkstelligen.

Dass Diakonissen und Diakone künftig noch mehr als bisher gemeinsam ausgebildet werden sollen, mag für manche zunächst etwas schockierend sein. Sicher wird sofort der Einwand laut werden, dass dadurch in der Praxis mit Konsequenzen zu rechnen ist, die sich für den Fortbestand einer Mutterhausgemeinschaft Kaiserswerther Prägung nachteilig auswirken können. Wenn man sich aber heute in der Diskussion um notwendige neue Formen der Diakonie darüber einig ist, dass die Weibliche Diakonie in Zukunft nicht ohne die Mitarbeit von geeigneten Witwen oder verheirateten Frauen auskommen wird, und wenn man weiss, dass selbst den Diakonissen vielfach bisher unbekannte Erleichterungen verschiedenster Art selbstverständlich zugestanden werden, dann sollte man auch kein Problem daraus machen, wenn vielleicht als Folge gemeinsamer diakonischer Ausbildung eine angehende Diakonisse auf den Weg einer Diakonenfrau geführt wird, wo sie dann ihren bisherigen Beruf in anderer Form in den Dienst der Kirche stellt.

Sicher wird es in der Evangelischen Kirche noch lange Zeit die Möglichkeit für die Lebens- und Dienstform der ordensmässig gebundenen Diakonisse Kaiserswerther Prägung geben müssen, weil das für manche Frauen die ihnen artgemässe Form der Diakonie ist, woran auch eine künftige gemeinsame Diakonissen- und Diakonenausbildung nichts ändern würde. Trotzdem könnten gerade durch die Neuordnung diakonischer Ausbildung manche Fehlentwicklungen verhindert und manche Problemkreise leichter gelöst und geklärt werden, wenn man den jungen Schwestern sol-

che natürlich bedingten Bewährungszeiten, in denen sich das Bewusstsein ihrer Diakonissenberufung entweder lockern oder festigen müsste, nicht ängstlich vorenthalten würde. Entscheidend aber müsste sein, die für die diakonische Arbeit der Kirche notwendigen Menschen in ausreichender Zahl zu gewinnen und ihnen die Möglichkeit zu fruchtbringendem Dienst zu geben.

Obwohl noch vieles zum Thema "Brasilianische Diakonie auf neuen Wegen" zu sagen wäre, da manches hier nur angedeutet werden konnte, so sei doch noch einmal nachdrücklich darauf hingewiesen, dass die Verankerung der Diakonie in den neuen kirchlichen Ordnungen der EKL B erst ein Anfang ist, dem baldmöglichst die nötige Fortsetzung folgen müsste. Dabei würde es darauf ankommen, dass die Weichen richtig gestellt und die vorhandenen Kräfte in rechter Weise einander zugeordnet werden, damit sich die brasilianische Diakonie richtig entfalten kann zum Segen der vielen Menschen, die auf ihren Dienst warten, weil sie darauf angewiesen sind. Kirche aber könnte erfahren, dass die Diakonie für alle Hilfe, die sie von kirchenamtlicher Seite empfängt, mit verstärktem Dienstesatz dankt, wodurch ihr wiederum neue Segensströme zufließen würden.

Pastor Artur Schmidt, Gründer und Leiter  
des Brasilianischen Brüderhauses in  
Lagoa Serra Pelada, Espírito Santo, Brasilien.



# Gedanken und Anregungen zur Zukunft unserer Kirche

## I. Das Amt in den Gemeinden

Die altgewohnte Konzeption des Pfarramtes wird in einer Kirche, deren Wesenszug das Missionarische sein soll, profan ausgedrueckt, die Expansion, nicht mehr durchgehalten werden koennen. Klammert sie sich dennoch krampfhaft daran fest, verschleisst sie Pfarrer und enttaeuscht Mitarbeiter. Sie vergeudet geistliche Gaben und Opfergelder, um am Ende zu erleben, dass es so doch nicht geht. Ergebnis ist der schon heute so heftig beklagte Verlust der missionarischen Dimension. Die Gemeinden erstarren, weil sie sich nur bedienen lassen wollen oder nur durch das Pfarramt bedient werden. Dabei koennte so manche Aufgabe, die seit alters her dem Pfarrer angestammt ist, von Gemeindegliedern erfuehlt werden, die dafuer durchaus keine theologische Hochschule brauchen; so die Verkuendigung, die Seelsorge an Gesunden, Kranken und Sterbenden, Kasualien und Unterrichtung von Kindern. Sie koennten wohl von "Christen" uebernommen werden, deren Ausbildung und Bezahlung sich in Grenzen haelt. Man braucht nicht jahrelang geschulte, hochqualifizierte Spezialisten, um das Evangelium zu verkuendigen, Seelsorge zu treiben und die Sakramente zu verwalten. Man braucht in der evangelischen Kirche nur geeignete Personen, die ihres Glaubens leben wollen. Solche Personen muessten wohl ueberall dort gefunden werden, wo man von christlicher Gemeinde spricht. Man klage mich nicht an, der Faulheit der Pfarrer das Wort zu reden. Die Zuruestung der geistlichen Helfer in den Gemeinden zu solchem, durchaus urchristlichen Dienst, muessten freilich die Spezialisten uebernehmen, die heute noch allein die Berufsbezeichnung "Pastor" in Anspruch nehmen. Man entschuldige den Vergleich, aber kein Betrieb koennte es sich leisten, teuer ausgebildete und hochbezahlte Fachkraefte dorthin zu stellen, wo die Arbeit auch von weniger gut ausgebildeten Arbeitern getan werden koennte. Die Kirche leistet es sich. Nicht nur auf finanzielle Verschwendung hin, sondern auch auf Kosten der missionarischen Auswirkung des Evangeliums. Abgesehen davon, dass der Pfarrer gar nicht im vollen Umfang leisten kann, was verlangt ist (— weil er kein programmierter Roboter, sondern Mensch ist—), es gibt eben kein stellvertretendes Christsein. Ich kann nicht dafuer Geld geben, dass ein anderer an meiner Stelle fromm ist, betet und die Frohbotschaft weitertraegt. Theoretisch wurde das noch nie bestritten. Aber praktisch wurde und wird der Pfarrer dafuer bezahlt. Der Apostel Paulus vergleicht die Kirche mit einem Leib,

dessen Glieder je ihre Aufgabe haben. Es scheint jedoch, als muesste der Pfarrer Hand, Auge, Mund und Ohr zugleich sein. Dafuer wird er bezahlt und nicht selten versteht er sich auch so. Aber der Pfarrer ist nicht sein Geld wert. Beweise? Die Geschichte der Kirche liefert sie ueberall da, wo Gemeinden vergessen haben, ihres Glaubens zu leben. Manche meinen, es gaebe kein Christentum mehr, wenn nicht der heilige Geist immer wieder reparierte und sogar erneuerte. Wie kann man da etwas aendern? Auf die Pfarrer schimpfen, dass sie nicht genuegend tun, dass sie nicht Auge, Hand, Fuss und Ohr zugleich sind? Noch mehr Last auf ihre Schultern legen, sie noch teurer ausbilden? Um dann zu erleben, wie einer nach dem anderen resigniert und dann wirklich nur noch das tut, was ein christglaebiger Gemeindehelfer ebenso und besser tun koennte?

Ich meine, man muss, — so sehr wir uns auch davor scheuen — an die Wurzel. Eine neue Konzeption des Pfarramtes sollte endlich verwirklicht werden. Ein Vorschlag: das herkoemmlische Parochialsystem (ein Hirte, — der Pfarrer, viele Schafe, — die Gemeindemitglieder) ist abzuschaffen. Die Verfassung unserer Kirche kommt dem entgegen, wenn sie sich nicht auf Parochien, sondern auf Gemeinden stuetzt. Die Frage ist dann, wie werden die einzelnen Gemeinden in ein Verhaeltnis zueinander gebracht? Das koennte durch einen grossen, auf dem Lande etwa 20 bis 25 Gemeinden umfassenden Gemeindeverband geschehen. Ihn zu leiten, waere dann der akademisch ausgebildete Pfarrer eingesetzt. Seine Aufgabe ist es die Mitarbeiter (Pastoren?) in den einzelnen Gemeinden zu schulen und zu beraten. Diese Mitarbeiter haetten dann die, wie auch immer organisierten Gemeinden geistlich zu leiten. Das nur als knappe Skizze, ueber die man sich freilich noch gemeinsam viele Gedanken machen muesste.<sup>1</sup> Vielleicht meint nun mancher Theologe, das sei ihm zu wenig, wo bleibt Verkuendigung und Seelsorge. Man agiere auch nicht mit den Lutherischen Bekenntnisschriften, die tragen hier genau genommen nichts aus. Denn, Mitarbeiter zu schulen und zu beraten, heisst doch "verkuendigen" (— tatsaechlich wie man's meist gelernt hat—) und ihnen seelsorgerlich beizustehen. Das wird von der Ausbildung her wohl leichter zu schaffen sein, als im gleichen Gottesdienst den Akademiker, den Arbeiter und den Landwirt gemeinsam verstaendlich anzusprechen ( — weil man das nicht lernen kann) oder sie seelsorgerlich zu beraten. Das ist verstaendlich, weil es grosse Unterschiede gibt zwischen dem Sitzen vor hebraeischen Texten oder vor einem Fliessband, in einem wohleingerichteten Studierzimmer oder auf dem Bretterboden einer Lehmhuette. Es duerfte dagegen einfacher sein, sich auf einen verhaeltnismaessig kleinen Kreis von Mitarbeitern einzustellen. Das Ergebnis solcher Arbeit koennten tatsaechlich lebendigere Gemeinden und zufriedenerere Pfarrer sein.

---

1) Nebenbei: Wir sollten in dieser Hinsicht sehr viel von der Arbeit der Missionen in Neuguinea und Aethiopien lernen.

Ganz gleich, wie man zu diesem, in der Fachliteratur so oder in aehnlicher Weise oft gemachten Vorschlag steht, man sollte endlich von der Theorie zur Praxis finden. Das kann nichts anderes heissen, als Gemeinden und Pfarrer aufzufordern, planmaessig Modelle zu verwirklichen. Modell, deren brauchbarste dann von der Gesamtkirche uebernommen werden. Nicht nur oekumenische Gremien und theologische Ausschuesse sind notwendig. Ebenso brennend waere ein Planungsausschuss von Kirchenleitung und Dozenten zur Neustrukturierung von Gemeinde und Pfarramt, der freilich auch von der Planung zur Durchfuehrung kommt.

Ich befuerchte nicht, dass man damit den Glauben an Jesus Christus aus den Gemeinden jagt. Vielleicht aber werden sich von unseren Gemeinden die loesen, die im Pfarrer einen Spezialisten fuer magische Zeremonien sehen. Wenn die Gemeinden deswegen schrumpfen, soll uns das nicht anfechten. Unsere Frage kann nur sein, wie koennen wir verantwortliche Christen werden, wie in den Gemeinden so arbeiten, wie es uns das Neue Testament und die Situation nahe legen?

Das Unbehegen an der herkoemmlichen Form der Gemeindeleitung ist gross. Gespraechе und Veroeffentlichungen lehren es uns. Die Weichen fuer die Zukunft muessen gestellt werden. Wollen wir, die Gemeinden, die Pfarrer, die Dozenten und die Kirchenleitung es nicht versaeumen, rechtzeitig Hand anzulegen, damit das Evangelium freie Bahn hat und nicht auf totes Geleise gedraengt wird.

## **II. Vorschläge zum Ausbau der Öffentlichkeitsarbeit in unserer Kirche**

In einem so riesigen Land wie es Brasilien ist, werden die Kommunikationsmittel, — Presse, Funk und Fernsehen—, lebenswichtig fuer eine Kirche, deren Gemeinden oft tausende von Kilometern entfernt sind. Sie schaffen die Verbindung der Gemeinden zum gemeinsamen Denken und Handeln. Sie sind fuer die Kirchenleitung das einzige oekonomische Mittel, am Puls der Gemeinden zu bleiben, fuer die Gemeinden das einzige, die Arbeit der Kirchenleitung zu verstehen und zu ueberpruefen. Die Kommunikationsmittel haben so in der Kirche eine Dienstfunktion, die man nicht entbehren kann, will man nicht die Einheit der verfassten Kirche aufs Spiel setzen. Ihr Dienst ist zuerst Information, denn ohne Information gibt es kein gemeinschaftliches Miteinander, dann aber auch Verkuendigung, mit der sie dem oft schwachen Gemeindeleiter hilfreich zur Seite stehen. Sie wollen das persoenliche Reden nicht ersetzen. Doch sie wollen ihm dienen, dass es in der Kontinuitaet der Kirche geschieht. Aeusserst wichtig sind so die Kommunikationsmittel fuer den Aufbau und Fortbestand einer verfassten Kirche, ja der Kirche ueberhaupt. (Man denke nur, wie grundlegend die Aufzeichnung der Botschaft Jesu oder die Briefe der Apostel fuer die christliche Kirche geworden

sind.) Aber gerade sie werden heute weithin als Stiefkind behandelt. Zersplitterung und unfachmaennische Arbeit machen sie weithin unbedeutend und fruchtlos. Klar: ein Pfarrer kann nur in seltenen Faellen Fachmann fuer public-relation sein. Aber der Wirkungsgrad der Kommunikationsmittel darf nicht dem Zufall ueberlassen bleiben. Deswegen ist fuer eine Kirche in der Situation unserer EKL der Ausbau einer fachmaennisch geleiteten "Zentrale fuer Oeffentlichkeitsarbeit" unumgaenglich. Nur straffe Organisation kann die Grundlage fuer hoechste Effektivitaet schaffen. Dabei kann auf die Dauer viel Arbeitskraft und Geld gespart werden.

Dazu seien im Folgenden einige Grundlinien zur Diskussion gestellt, die fuer den Ausbau der Oeffentlichkeitsarbeit in unserer Kirche fruchtbar werden koennten.

1. Noetig ist ein, einstweilen noch zweisprachiger "*Materialdienst*" fuer die Gemeinden. Das heisst, etwa vierteljaehrliche Herausgabe eines Organs, das nur Informationen ueber unsere Gemeinden, die Arbeit der kirchl. Institutionen und der Kirchenleitung bringt. Es sollte gleichzeitig Material fuer die Lokalredaktionen anbieten. Der Materialdienst koennte zur Grundlage werden fuer Abkuendigungen und Gespraechskreise in der Gemeinde. Aber er wuerde auch dem Gedankenaustausch ueber regionale Grenzen hinweg dienen, ohne gleich offiziellen Charakter annehmen zu muessen. Er muss unabhaengig sein, redigiert von Pfarrern, die aus der Gemeindegemeinschaft kommen und etwa in dreijaehrigem Turnus abwechseln. Gemeinden und kirchl. Institutionen muessten von der Kirchenleitung verpflichtet werden, Material, etwa in der Form eines halbjaehrigen Arbeitsberichtes, zu liefern und den Materialdienst zu abonnieren. Der "Materialdienst" koennte so zum aeusseren Band werden, das unsere Kirche vom Norden bis zum Sueden in lebendigem Kennenlernen und Zusammenwirken beieinander haelt. Der Kirchenleitung gaebe er (— wie wichtig ist das —) ziemlich umfassende Situationsanalysen fuer Entscheidungen und Planungen an die Hand. Gemeinden und Pfarrer, die weit ab von den Zentren kirchlichen Geschehens liegen, waere er eine wirkliche Hilfe, da sie dann nicht mehr auf Informationen aus dritter oder vierter Hand angewiesen waeren. Viel Ratlosigkeit und Misstrauen wuerde dadurch vermieden. Die Arbeit koennte hauptberuflich ein Redakteur leisten, wenn er von einem nebenamtlichen Mitarbeiterstab unterstuetzt wird (Gemeindeglieder Pfarrer, Dozenten). Der Redakteur sollte Vertrauensmann der Kirchenleitung, aber von ihr unabhaengig sein.

2. An die Stelle des Blaetterwaldes kirchl. Zeitschriften muss eine *gesamtkirchliche Zeitschrift* als Kopfblatt treten. In sie kann ein, beliebig umfangreicher Lokalteil eingearbeitet werden, der dann auch den Leserwunschen Rechnung traegt. Es waere so eine Zentralredaktion einzurichten, die den verpflichtenden Stammtel als Matern liefert. Die Formate muessten gleich sein, der

Druckort koente aber freigestellt bleiben. Ein eigenes offizielles Organ der Kirchenleitung wuerde damit gespart. Gleichzeitig wuerde man den Leser durch den Stammteil zum gesamtkirchlichen Denken anleiten (— was bei reinen Lokalzeitungen nicht immer geschehen kann). Damit wuerde auch Arbeit der — zumeist nebenamtlichen lokalen — Redakteure, gespart, gleichzeitig die Qualitaet gesteigert. Der Leser bräuchte sich nur eine Zeitschrift zu halten, um ueber Kreis, Region und Kirche Bescheid zu wissen. Die Zentralredaktion koennte nebenbei Lokalredakteure beraten und ausbilden. Drei Planstellen, ein Journalist, ein Lay-outer, eine Sekretaeerin waeren einzurichten.

3. Das bereits im Aufbau begriffene *Studio fuer Funk und Fernseharbeit*, sollte Material liefern, Ausbilden und Koordinieren. Seine Aufgabe waere es wahrscheinlich, Kontakt zur ausserkirchlichen Oeffentlichkeitsarbeit aufrecht zu erhalten, Nachrichten zu lancieren, Verbindungen auszubauen. Hauptamtlich muessten anfangs etwa zwei Fachmaenner und eine Sekretaeerin angestellt werden.

4. Die bestehende *Verlagsarbeit und Buchhandel* koennten dem Zentrum eingegliedert oder lose angeschlossen werden. Wirtschaftlich muesste es aber davon unabhaengig sein.

5. Der *Koordinator* des gesammten Zentrums wird aus dem hauptamtlichen Mitarbeiterstab gewaehlt und von der Kirchenleitung bestaetigt. Als Sitz kaeme z. Zt. Pôrto Alegre oder São Leopoldo in Frage.

6. Dem Zentrum zur Seite stehen sollte ein kirchlicher *Presserat*, bestehend aus den Abteilungsredakteuren, Vertretern der Lokalredakteure und der Kirchenleitung. Er sollte zweimal jaehrlich tagen, die Richtlinien bestimmen, sowie die Mitarbeiter durch Wahl berufen. Ihm allein ist das Zentrum verantwortlich.

Natuerlich kann hier nur ein Gerippe beschrieben werden. Viele schwierigen, aber wohl nicht unloesbare Detailfragen muesen uebergangen und in der Diskussion geklaert werden. Die, manchem vielleicht wichtigste Frage ist die Finanzierung. Aber auch hier muesste ein Weg von den Finanzmaennern der Kirche gefunden werden. Vielleicht muesste man zunaechst den Kirchenbeitrag um etwa 10% erhoehen. Jedoch wuerden die Gemeinden solche Erhoehung gewiss akzeptieren, wenn die Stelle effektiv arbeitet. Misstrauen entsteht meist nur, wenn die Gemeinden nicht wissen, fuer was sie zahlen. (Den Sinn von Flugreisen nach Europa zu irgendwelchen oekumenischen Aktivitaeten zum Beispiel, werden die Gemeinden solange nicht einsehen, als das Informationswesen unvollstaendig ist. Nur es kann den guten Sinn verstaendlich machen.)

Die Weichen fuer die Zukunft sind von der Kirchenleitung zu stellen. Nicht so, dass man Sachgemaessheit und effektive Organisation als Utopie abtut. Sondern so, dass schon heute Entscheidungen fuer die Zukunft gefaellt werden. Neue Wege muessen ge-

funden werden, koste es was es wolle. Die Leitung der Kirche muesste Fachmaenner (— es sollten nicht nur Pastoren sein —) berufen und sie in Selbststaendigkeit eine Organisation fuer Oeffentlichkeitsarbeit aufbauen lassen. Gewiss kostet das auf die Dauer weniger, als Unentschlossenheit und Trott in alten Bahnen. Aber nur eine Kirche, die innerlich gefestigt ist, wird Gespraechspartner fuer die Welt werden koennen. Und nur eine Gemeinde die weiss, was in ihrer Kirche geschieht, wird gerne zu ihr gehoeren.

Jost Od. Ohler